This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

THE UNIVERSITY OF MICHIGAN
LIBRARIES
THE UNIVERSITY OF MICHIGAN
1817

BIBLIOTHECA

DE

Classicos Portuguezes

Proprietario e fundador

MELLO D'AZEVEDO

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

(VOLUME LII)

CHRONICA

DE

EL-REI D. SANCHO I

POR

RUY DE PINA

ESCRIPTORIO
147=RUA DOS RETROZEIROS=147
LISBOA
—
1906

DP
571
.P64

PREFACIO

A respeito do chronista Ruy de Pina já se tratou no volume 28 desta Bibliotheca, Chronica d'el-rei D. Duarte.

Reproduzindo agora a chronica de D. Sancho I.º redigida pelo mesmo chronista escreverei algumas linhas sobre assumptos não tocados nessa resenha de feitos de guerra e de politica passados no reinado do *Povoador*.

Os historiadores portuguezes seguiram a narrativa de Ruy de Pina, fazendo entrar poucos elementos novos.

Este reinado merece estudo; não é só a continuação dos feitos gloriosos, das luctas, da conquista, do systema politico de Affonso Henriques; guerra aos mouros para posse do territorio, aos de Hespanha para consolidar a independencia, reacção contra a tendencia avassaladora de Roma; apparecem mais as questões economicas, surge a arte e a poesia.

D. Sancho 1.º nasceu em 1154, tomou o governo em 1185, falleceu em 1211. Documento de capital importancia é o testamento com seu codicillo, lavrado pelo rei muito antes de fallecer.

Elle conseguiu na sua vida cheia de luctas, atravessando grandes crises alimenticias, enthesourar grossos cabedaes em Coimbra e Evora. Alem do dinheiro guardava nas suas torres armas e armaduras, pannos, vasos de prata, joias preciosas.

Deixa verbas importantes para continuação das obras das cathedraes do Porto, Viseu, Lamego, Evora; manda fazer grande porção de calices e frontaes em diversos templos. As Ordens militares, os seus amigos e servidores, são contemplados. Não se esquece da familia que era grande, porque elle o povoador tinha de differentes mulheres numerosa prole; nem das pessoas ou entidades que lhe haviam prestado serviços nas suas difficuldades.

Este testamento demonstra que havia industrias em Portugal, que ao lado da architectura se cultivava a ourivesaria. E ha felizmente provas cabaes pois existem alfaias religiosas de grande valor, como a cruz de oiro que foi de Santa Cruz, hoje no Museu Real, os calices d'Alcobaça, do sec. XII XIII, hoje no Museu Nacional de Bellas Artes, monumentos de arte portugueza, que nos provam a habilidade e o gosto dos artistas daquella epoca, que cinzelavam e douravam, empregavam filigranas, adornavam com pedras preciosas as suas elegantes peças.

A architectura militar desenvolve-se tambem nessa época; muitos castellos do paiz datam dos fins do seculo XII. Foi preciso fortificar pontos importantes na fronteira hespanhola, e na região, na zona perigosa, da conquista aos mouros. Nesta faina auxiliavam muito as ordens militares, especialmente os freires do Templo.

Os castellos feitos pelo mestre dos Templarios, o famoso Gualdim Paes, são desse periodo, Almourol por exemplo.

Relações com estrangeiros eram então intimas, frequentes.

Já o conde D. Henrique tinha uma colonia franca num bairro da sua Guimarães.

D. Affonso 1.º serviu-se muito de estrangeiros. Cavalleiros de Portugal foram á Terra Santa, a Jerusalem, a Antiochia, a Rhodes, a Chypre. As Ordens militares eram internacionaes.

Em Alcobaça houve monges francezes. Grandes turbas de crusados, gente de Inglaterra, da Flandres, da Germania, passavam pelos portos portugueses, e muitas vezes ajudaram nas brigas contra sarracenos. D. Affonso I.º fez colonias francas em Athouguia, Villa Verde, Lourinhan, Azambuja, Cezimbra.

Mas Sancho I.º ampliou ainda o systema do pae; chegou a mandar homens de sua confiança a Flandres recrutar colonos para Alemquer, Pontevel. Nos territorios conquistados não bastava erguer o castello, era conveniente povoar, fixar gente.

Existem no Real Archivo da Torre do Tombo dois preciosos codices de pergaminho com illuminuras, ingenuas pinturas, que pertencem aos fins do seculo XII; o *Livro das Aves*, é de 1183; o *Apocalypse* de Lorvão de 1189.

São testemunhos de lavor artistico que não se devem olvidar. Algumas dezenas de codices manuscriptos da livraria de Alcobaça, existente na Bibliotheca Nacional de Lisboa, são dos sec. XII a XIII, isto é fins de um, começo de outro seculo.

O cod. 290 é de 1185, escripto ainda no reinado de Affonso I.º com iniciaes rudimentares.

O cod. 100 está assignado e datado; é de 1219.

Isto é terminado nesse anno, com certeza levou muitos annos a escrever e illuminar. Tem o titulo *Sylva Allegoriarum*, ou diccionario ecclesiastico, sub-titulo mais moderno.

Apresenta illuminuras notaveis, grandes iniciaes muito trabalhadas, empregando as côres verde, azul, roxo, vermelho e amarello, com esbatidos bem executados.

Temos pois mais um elemento para o estudo da historia da arte em Portugal.

A sr.ª D. Carolina Michaellis de Vasconcellos estudando o Cancioneiro da Ajuda escreve detidamente do tempo de Sancho I.° e do proprio rei.

Os cimelios da lyrica hoje subsistentes são de perto do anno de 1200.

A illustre academica data a poesia mais archaica de 1189, outra de 1199, a terceira de 1211.

D. Sancho I.° era guerreiro estrenuo e infatigavel, tão feliz nas suas conquistas que chegou a intitular-se rei de Portugal e do Algarve; ainda assim teve periodos em que pôde respirar e folgar, apezar da lucta com a egreja e das pestes e fomes que assolaram Portugal. O seu reinado é o unico da época trovadoresca em que se não ateou guerra civil, nem houve expatriações. Enviou ecclesiasticos nacionaes á Italia, a Bolonha a estudar direito, e á França, a Montpellier para estudo de medicina, e a Paris para o de theologia.

Subsidiou os cruzios de Coimbra para sustentarem em França alguns conegos *studiorum causa*. Era homem de esporte, amador de touradas, de corridas de cavallos, e enthusiasta de falcoaria. A historia do theatro portuguez terá de ir até este rei, até ao *Bonamis e Acompanniado*, que ao que parece eram actores e musicos.

A época trovadoresca floresce em tempo de Sancho I.°, começa a brilhar no fim do seculo XII.

O proprio rei, parece, compoz um *cantar d'amigo* (Carolina Michaellis de Vasconcellos, Cancioneiro da Ajuda, Tomo 2.° pag. 593).

Como se vê nestas breves linhas a narrativa de Ruy de Pina póde ser enriquecida em varios pontos de vista, e o reinado do Povoador presta-se a estudos de historia da Arte e da Litteratura.

Gabriel Pereira.

CHRONICA

DO MUITO ALTO, E MUITO ESCLARECIDO PRINCIPE

D. SANCHO I

SEGUNDO REY DE PORTUGAL,

COMPOSTA

POR RUY DE PINA,

Fidalgo da Casa Real, e Chronista Mór do Reyno.

FIELMENTE COPIADA DE SEU ORIGINAL,

Que se conserva no Archivo Real da Torre do Tombo.

OFFERECIDA

A' MAGESTADE SEMPRE AUGUSTA DELREI

D. JOAÕ V.

NOSSO SENHOR

POR MIGUEL LOPFS FERREYRA

LISBOA OCCIDENTAL.

Na Officina FERREYRIANA.

M.DCC.XXVII.

Com todas as licenças neceſſarias.

SENHOR

Esta é a segunda vez, que chego aos Reaes pés de V. Magestade agradecido, e pretendente. Agradecido, porque V. Magestade com a sua natural benignidade se dignou de aceitar a vida que lhe offereci, do Senhor Rei D. Affonso Enriques, escrita ha mais de dous seculos por Duarte Galvão. E pretendente de que V. Magestade com a mesma Real benevolencia, se sirva de Amparar com a sombra soberana do seu Augusto Nome, a vida do Senhor Rei D. Sancho I que lhe offereço agora, para que animado com a sua Real protecção possa continuar no desempanho da palavra prometida de ir dando á luz as Chronicas dos Senhores Reis deste Reino, que ha muitos annos se conservam manuscriptas. A Real Pessoa de V. Magestade guarde Deos muitos annos como dezejamos; e havemos mister.

Miguel Lopes Ferreira.

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR

FFRNÃO TELLES DA SILVA

MARQUEZ DE ALEGRETE DOS CONCELHOS DE ESTADO, e Guerra del-Rei Nosso Senhor, Gentil-homem de sua Camara, Védor de sua fazenda, Embaixador extraordinario á Corte de Vienna, ao Serenissimo Emperador Joseph, e Condutor da Serenissima Rainha Nossa Senhora a estes Reinos, Academico, e Censor da Academia Real da Historia Portuguesa, &c.

As repetidas vezes que Vossa Excellencia me tem favorecido com a sua costumada affabilidade, me animam a que novamente me valha do seu favor, pedindo-lhe queira fazer-me a mercê de offerecer a Sua Magestade que Deos guarde, a Chronica del-Rei D. Sancho I que pelas heroicas acções de que foi generoso instrumento, bem merece a sua Real protecção. Espero de Vossa Excellencia este beneficio, fundado nos que tenho recebido da generosidade de Vossa Excellencia. Cuja excellentissima Pessoa guarde Deos muitos annos.

Criado de Vossa Excellencia

Miguel Lopes Ferreira.

MIGUEL LOPES FERREIRA

AO LEITOR

Na impressão, que agora publico, da Chronica del-Rei D. Sancho I de Portugal verás amigo Leitor, que não falto á palavra que te dei de ir imprimindo as Chronicas manuscritas dos nossos Reis. A que ha poucos mezes dei á luz del-Rei D. Affonso Enriques, foi escrita por Duarte Galvão; esta de seu filho, e dos mais Reis, que se lhe seguiram, não é facil a averiguação de quem seja o seu verdadeiro e legitimo Autor. Commummente andam em nome de Ruy de Pina, que foi um homem de grande estimação pela pessoa, e pela sciencia. Foi Cavalleiro da Caza del-Rei D. Manoel seu Chronista, e Guarda mór da Torre do Tombo, e na Embaixada de obediencia á Santidade de Alexandre VI com que foram a Roma D. Pedro de Noronha Mordomo mór do dito Rei, e Vasco Fernandes de Lucena, foi o Secretario

della Ruy de Pina. Damião de Goes na Quarta parte da Chronica del-Rei D. Manoel Cap. 38 trata com grande miudeza este ponto, e mostra que estas Chronicas foram compostas umas por Fernão Lopes, e outras por Gomes Eannes de Zurara, mas não duvida, que Ruy de Pina lhes deo melhor fórma, ou na ordem, ou no estilo, que é o que basta para que de algum modo se lhes deva dar o nome de suas. A mim não me toca o exame desta questão, mas só o dar noticia do que se tem escrito nesta materia. Aos Autores das Bibliothecas pertence a averiguação deste ponto, e a mim continuar com a impressão das outras Chronicas, que se seguem, que como todos sabem, andam em nome de Ruy de Pina, para deste modo servir ao publico, tirando-as do segredo da Torre do Tombo para maior commodidade dos curiosos.

Vale.

PROLOGO

DO AUTHOR

DAS CORONICAS DOS PRIMEIROS REIS de Portugal, primeiramente a Coronica del-Rei D. Sancho deste nome o primeiro, e dos Reis de Portugal o segundo, dirigido ao muito Alto, e Excellente, e Poderoso Principe El-Rei D. Manoel Nosso Senhor, por Ruy de Pina, seu Coronista mór, e Fidalgo de sua Caza.

JUSTA disculpa podera ser para mim Rei poderoso, e Principe mui excellente não emprehender obra tão ardua, e tão difficil como esta, a que o estreito mandado de V. A. e seu louvado dezejo me obrigam, pois agora em vosso bemaventurado tempo me manda, que ordene, e componha as antigas Esto-

rias, louvadas memorias, e notaveis feitos dos primeiros, e exclarecidos Reis de Portugal vossos progenitores, que de seus tempos dividamente se não acham compostas, ou nos outros despois delles por negligencia se perderam, e abastaria por mui claro corregimento desta escuza, e por receo do grande trabalho, e cuidado do esprito, e das muitas deficuldades, que nesta obra se offrecem, saberem, que já por vosso mandado a começou, e não proseguo Duarte Galvão, do vosso Conselho, que para ella, e para couzas outras de mór importancia, é homem por sua doutaina assás desperto, e mui sufficiente, mas porque vossa vontade Rei muito excellente, sempre se inclina, e nunca dezeja, salvo obras santas, e justas, e mui virtuosas, assi por esso ella foi sempre e é preveligiada, e favorecida da suma potencia Divina, que para comprimento de vossos dezejos, e propositos nunca para ordenar vos falece saber, e prudencia, nem para executar, e comprir forças, e grande poder, e da consecução desta singular perrogativa, que é vossa mui Real pessoa, todas nossas emprezas, e por vossa boa ventura para sempre outorgada, de que a prosperidade, e verdadeira fama de vossos maravilhosos feitos dão em todo mundo mui claro testimunho; tomei emprestado para esta obra, que toda é vossa, alguma ouzadia, ainda que receosa, com que no cansaço deste grande serviço, por ventura não conhecido, esforçasse a fraqueza de minhas forças, e favorecesse a rudeza de meu engenho, para que ao menos por minha piquena possibilidade mostre primeiramente, que de vossa muita bondade, e esforço, e grandeza de animo não foi sómente descobrir novos Reinos, novos mares, novas regiões, com que ao mundo maior, e mais rico que nas terras não conhecidas, de Deos nunca conhecedoras, seu mui santo nome, como outro Apostolo fizesseis conhecer,

e publicar sua verdadeira Fé, mas que ainda para maior acrecentamento do preciozo thezouro de vossas virtudes descobristes esta vossa propria, e mui louvada virtude de tão prefeita piedade, de que ácerca dos gloriosos Reis, e Rainhas de Portugal de que descendeis, tão prefeitamente uzais, com a qual resucitando vossa mui Real Senhoria a seus nomes mui dinas memorias, e memorandas façanhas, cujo juizo o esquecimento tinha já assi mortificadas de todo, e dando-lhe estas suas verdadeiras lembranças uma tão segura maneira para a vida eterna, ellas juntas por immortal interesse de mais vosso louvor, se tornem todas a ver em vós, com maior resplandor, renovadas, e nellas V. A. mostre ao mundo os Reaes, e limpos originaes de que foi, e a mi por sua grandesa, e humanidade, perdoe estes cometimentos, que fiz de vos querer louvar, pois verdadeira necessidade aqui os inxerio, porque em cazo que seja regra, e principio mui dino, que bem faz quem sempre vê bem outras.

Porém não fica por saber, muito excellente Rei, que vossos limpos, e castos ouvidos já não esperam por meus louvores, por bocas de Santos Papas, e de grandes Reis, por todo o mundo tantas vezes publicados, e muitos mais merecidos, porque a temperança de vossa alma é tal, que com a só operação de vossas virtudes, sem que se digam, intrinsecamente se contenta, mais alegre de bem fazer, que de bem ouvir, mas com tudo porque vós Principe mui esclarecido sabemos, que fostes sobre todos, e sois dado por Rei da só mão de Deos, a nós, os vossos Portuguezes, por grande nossa gloria, e vemos que tendes feita profissão, que maravilhosamente comprireis na sagrada Religião das mais excellentes virtudes Divinas, e humanas, por esto não é a mi, nem a outrem perigo, mas segurança, não é culpa, mas merecimento, e divida,

que devemos louvar vossas cousas tão grandes, e a vós principalmente porque quando se assi não fizesse claramente se erraria, e não tanto a vós, como a Deos, pois falando-se vossas grandezas, e prosperidades se dá graças, e louvores ao todo Poderoso Deos, que em sua mão por vós as faz, porque todos sabemos, e a todos é mui notorio que a gloria, e louvor, que por vossa bemaventurança os homens querem atribuir a vós, vossa alma, como aquella, que destes beneficios é mui aguardecida, e logo as offrece a Deos, de quem fielmente credes, e affirmais que tudo procede.

E por tornar ao fio do Prologo, que um pouco quebrei, acho Rei poderoso, e mui excellente, que del-Rei D. Affonso Anriques deste nome, e dos Reis de Portugal o primeiro, até El-Rei D. Affonso deste nome o quarto inclusivè, que são sete Reis, não parece de suas vidas, nem de seus feitos se acha nos vossos Reinos Estoria ordenada, e composta, como fora rezão, e se merecia, mas ha sómente por Lugares mui ocultos algumas lembranças, cartas confuzas, e mui duvidozas, cuja verdade quanto for possivel, ainda que seja com muito estudo de grande trabalho, é necessario que se busque, e se apure, e para algumas semilhantes lembranças, creo que Duarte Galvão, que se diz compoer a Coronica del-Rei D. Affonso Anriques o primeiro, de que algum tanto se achou mais escrito, e a que esta del-Rei D. Sancho seu filho, vai continuada, e as outras dos outros Reis, que o socederam, posto que em seu Prologo se offerecesse de as acabar, bem sei que não por defeito de saber, nem por falecimento de bom desejo, mas por não haver, e mais não achar a materia para esso necessaria, póde ser que desestio de as compoer, e a este pezo tamanho, que a sua suficiencia deixou a V. A. pela natural obediencia, e servidão que lhe devo me manda, e constrange, que sem

escuza só meta meus hombros, em cazo que faze-lo seja proprio de meu officio, bem sinto porem, que de meu saber é mui estranho, mas como eu Serenissimo Rei sam de vossa esperança favorecido, e com esso tenho alguma confiança de meu dezejo, e cuidado, e assi da grande deligencia, que para esta composição se requere, espero prazendo a Deos, quanto a um homem não sufficiente for possivel, que satisfarei com sua graça a vosso mandado, posto que não seja com inteira satisfação de vosso Real dezejo, e esto não será sem trabalhoso fundamento, porque os feitos, e as memorias de nossos gloriosos Reis de Portugal antigos, e mais modernos, foram, e são por todas as rezões do mundo, assi notorias, e estimadas, que os Escritores, assi Latinos, como de outras lingoas estranhas, por não serem ingratos aos merecimentos de seus tempos, em seus processos, e Coronicas, que compozeram, notarem a elles Reis de Portugal por mui excellentes em suas obras, e feitos por mui singulares, e dinos para sempre alembrarem, e nunca esquecerem.

De que se segue que quanto os Reis de Portugal foram Catholicos, devotos, e obedientes a Deos, e á Santa Sé Apostolica nas vidas, e registos dos Summos Pontifices por seus grandes merecimentos, e louvores, claramente se nota, e quanto elles foram generosos, e conquistadores pela Santa Fé, e de seus proprios Reinos, e Senhorios verdadeiros Augusto não sómente Coronicas da Espanha, e dos Reis, e Reinos nossos vezinhos, sem duvida o testemunham, mas as dos barbaros infieis, ainda que seja com grandes seus estragos, e cativeiros, muito milhor publicam, e quantas Rainhas, e Princezas, e quantos Ifantes, Princepes, e Senhores sairam desta Real Caza de Portugal para mui altos, e licitos matrimonios de Empe-

radores, Reis, e Princepes de toda a Christandade, nas Coronicas de suas vidas feitos, e Reinos manifestamente parece, cuja vista, e leitura, e bom exame ami, para esta obra, não se escuzam, assi mui alto, e poderoso Princepe, que Possivel é ainda que seja por caminhos tão longos, e tão deficultozos, que as Coronicas dos mui excellentes Reis vossos maiores, que atraz apontei, não serem como são de todo apagadas, e que podem em alguma boa maneira aluminarem este por mim, e se nesta acupação, e serviço assi prefeitamente o não comprir como V. A. manda, e eu dezejo, seja tanto da costumada benenidade de seu animo, relevar minha imprefeição, quanto a deficuldade de couzas já esquecidas, e a calidade, e grandeza dellas o requere, e por concludir minha introdução é bem, que com a graça, e favor de Deos, comece logo a Coronica del-Rei D. Sancho deste nome o primeiro, e dos Reis de Portugal o segundo, cuja louvada memoria, e grandes feitos são como se segue.

LICENÇAS

DO

SANTO OFFICIO

Approvação do Reverendissimo Padre Mestre Fr. Manoel Guilherme Religioso da Ordem de S. Domingos, Lente Jubilado na Sagrada Theologia, Qualificador do Santo Officio, &c.

EMMINENTISSIMO SENHOR

Vi o livro intitulado Chronica do Senhor Rei D. Sancho I composto pelo Chronista mór do Reino Ruy de Pina, e me parece não ter couza que difficulte a licença de se imprimir: porque lhe não acho couza contra a Fé, ou bons costumes. Vossa Emminencia maudará o que fôr servido. S. Domingos de Lisboa Occidental 10 de Fevereiro de 1726.

Fr. Manoel Guilherme.

Vista a informação, pode-se imprimir a Chronica del-Rei D. Sancho I e despois de impressa tornará para se conferir, e dar licença para correr, sem a qual não correrá. Lisboa Occidental 12 de Fevereiro de 1726.

Rocha. — Fr. Lancastre. — Cunha. — Teixeira. — Silva. — Cabedo.

DO ORDINARIO

Approvação do Reverendissimo Padre Mestre D. José Barbosa Clerigo Regular da Divina Providencia, Chronista da Serenissima Caza de Bragança, e Academico do Numero da Academia Real da Historia Portugueza, &c.

ILLUSTRISSIMO E REVERENDISSIMO SENHOR

Por ordem de V. Illustrissima vi a Chronica delRei D. Sancho I de Portugal, que escreveo Ruy de Pina, e nella não acho clausula alguma contra a nossa Santa Fé, ou bons costumes. V. Illustrissima ordenará o que fôr servido. Nesta Caza de N. Senhora da Divina Providencia 12 de Agosto de 1726.

D. José Barbosa Clerigo Regular.

Vista a informação pode-se imprimir a Chronica de que se trata, e despois de impressa tornará para se conferir, e dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa Occidental 19 de Agosto de 1726.

D. J. A. L.

DO PAÇO

Approvação de Antonio Rodrigues da Costa, Cavalleiro professo da Ordem de Christo, Fidalgo da Caza de Sua Magestade, Conselheiro Ultramarino, e Academico do Numero da Academia Real da Historia Portugueza, &c.

SENHOR

VI, como V. Magestade foi servido ordenar-me, a Chronica do Senhor Rei D. Sancho I composta pelo Chronista mór, e Guarda mór da Torre do Tombo Ruy de Pina; e não acho nella cousa que deva impedir a sua impressão. Porque ainda que está tão rudemente escrita, que não corresponde ao titulo honorifico de Chronista mór, e com tão poucas noticias, e tão mal circumstanciadas, que tambem parece que não é producção legitima de um Guarda mór da Torre do Tombo, que é o Archivo publico do Reino: comtudo como a antiguidade sempre é veneravel, será justo que saia á luz. V. Magestada ordenará o que fôr servido. Lisboa Occidental 25 de Setembro de 1726.

Antonio Rodrigues da Costa.

QUE se possa imprimir vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e despois de impresso tornará á Meza para se conferir, e taxar, que sem isso não correrá. Lisboa Occidental 8 de Outubro de 1726.

Galvão. — Oliveira. — Teixeira. — Bonicho.

Coronica do muito alto, e esclarecido Principe D. Sancho I, segundo Rei de Portugal.

CAPITULO I

Do tempo, e idade que El-Rei D. Sancho foi levantado, e obedecido por Rei, e assi de alguns geraes avisos para declaração, e milhor entendimento das cousas antigas de Portugal.

O MUI alto, e excellente, manhanimo, virtuoso, e mui Catholico Principe El-Rei D. Affonso primeiro, e bemaventurado original dos mui exclarecidos, e christianissimos Reis de Portugal depois de vencer por seu braço em muitas, e mui perigosas batalhas infindos barbaros, e diversos imigos da Fé, e por seu maravilhoso esforço, lhes ganhar por força de armas muitas Cidades, Villas, e Castellos, e terras, e as ajuntar com louvor de Deos á primeira, e bem merecida Coroa de seu Reino de Portugal, de que dina, e primeiramente se intitulou, como em sua Coronica se declara, chegando elle a tanta idade, que por graveza da carne já não podia exercitar al-

gum dos seus proprios, e mui acostumados officios de Capitão, e Cavalleiro, se recolheo á sua Cidade de Coimbra, onde despois de fazer seu solene Testamento, e prover com Divinos, e necessarios Sacramentos em tudo o que a bem de sua alma, e descarrego della compria acabou santamente sua vida em idade de noventa e um annos, a seis de Dezembro da era de mil e duzentos e vinte e tres annos, e do Nacimento de Nosso Senhor Jesu Christo de mil cento e oitenta e cinco, (1185) dos quaes sendo Infante, e Principe, e Rei Reinou em desvairados tempos, setenta e tres annos, onde seu corpo, que era mui grande, e bem composto, foi logo ungido, e metido com grande solenidade em um Moimento de pedra, sepultura para tão grande Rei, não sumptuosa, antes chã, e mui honesta, posta por então em uma Capella do Moesteiro de Santa Cruz, que elle novamente fundou, e largamente dotou, em que tinha singular devação, e despois o muito alto, e excellente Principe El-Rei D. Manoel deste nome o primeiro nosso Senhor, porque em todas suas obras sempre foi Principe mui prefeito, e sobre todo mui manifico, mandou remover a dita sepultura, e pôr no mesmo Moesteiro em outro lugar que lhe pareceo mais conveniente para ennobrecer, e intitular como a tão excellente original, e a tão dino Rei, seu maior, e Antecessor se devia.

E ao tempo do falecimento del-Rei D. Affonso era presente o Ifante D. Sancho seu filho legitimo primeiro, e herdeiro, cuja é a presente memoria, o qual aos tres dias logo seguintes da era de Cezar, e do anno de Christo acima ditos, por os Prelados, e Nobres de seu Reino, que ahi eram, e com as ceremonias, e devida solenidade foi alevantado, e obedecido por Rei de Portugal sómente, sem outro acrescentamento de titulo, em idade de trinta e um annos, porque elle na-

ceo a onze dias de Novembro da era de Cezar de mil e cento e noventa e dous annos, e do anno de Christo de mil e cento e cincoenta e quatro, e foi alevantado por Rei na dita era de mil e duzentos e vinte e tres, e do anno de Christo de mil e cento e oitenta e cinco, em que seu Padre faleceo, porque do tempo do dito Rei D. Affonso seu Padre, que primeiro se intitulou Rei de Portugal, até El-Rei D. Affonso Conde de Bolonha, em França, seu bisneto exclusive todos os Reis seus sucessores se intitularam Reis de Portugal sómente, sem outra adição de titulo, nem algum acrecentamento nas cinco Quinas do Escudo Real, porque o dito Rei D. Affonso Conde de Bolonha seu bisneto por razão, e titulo do Algarve dáquem mar, que por El-Rei D. Affonso deste nome o Decimo de Castella, e de Lião seu sogro lhe foi dado em cazamento com a Rainha D. Breatiz sua filha, se intitulou primeiramente Rei de Portugal, e do Algarve, e acrecentou ao Escudo Real de cinco Quinas, a orla dos Castellos douro em campo vermelho, como em sua Coronica ao diante se dirá, e para remover, e declarar algumas duvidas que nas Coronicas dos Reis de Portugal podem occorrer.

E' de saber, que El-Rei D. Affonso Anriques, primeiro Rei de idade de dezoito annos, que havia quando o Conde D. Anrique seu Padre faleceo, até haver quorenta e cinco annos, se chamou Ifante, e assi em quanto regeo sua terra, a Rainha Dona Thareja sua Madre, a qual por ser filha del-Rei D. Affonso deste nome, o sexto de Castella, aquelle que ganhou Toledo aos Mouros sempre se chamou Rainha, e o dito Conde D. Anrique seu marido, nunca mudou, nem accrescentou o nome de Conde, e depois que D. Affonso Anriques seu filho não consentio, e a privou de sua governança, elle se chamou Principe dos Portu-

guezes, e de idade de quorenta e cinco annos que havia quando venceo a batalha do Campo Dourique, e foi pelos nobres Cavalleiros seus, que tinha ahi levantado por Rei, até haver oitenta e cinco annos, se chamou, e intitulou Rei de Portugal, por sua só vontade, e com acordo dos Grandes, e Povo do seu Reino, e não foi por authoridade dos Reis de Castella, nem consentimento como em algumas Coronicas Castelhanas craramente eu o vi escrito, e destes oitenta, e cinco annos até haver idade de noventa e um, em que faleceo se intitulou Rei de Portugal por authoridade, e aprovação do Papa Alexandre III, o qual para o dito Rei D. Affonso de Portugal o primeiro, e assi todos seos sobcessores o poderem fazer, e proseguir, com inteira superioridade, lhe concedeo sua Bulla Rodada autentica, e solene, que eu seu Coronista mór vi a qual foi dada em S. João de Latrão, em Roma a dez das Calendas de Junho, que é a vinte e tres dias de Maio do anno da Encarnação de Nosso Senhor Jesu Christo de mil e cento e setenta e nove annos, (1179) e aos vinte annos de seu Pontificado, e provicada por Alberto Presbitero Cardeal da Santa Egreja de Roma, e Chançarel della, com Imposição e Cenço del-Rei, e seus sobcessores, darem em cada um anno á Sé Apostolica dous marcos douro, que os Arcebispos de Braga, que pelos tempos fossem em nome dos Papas, haviam em cada um anno de receber: mas estes marcos douro, em nossa memoria, se não acha que se pagassem, nem outra cousa por elles, antes se crê, que pelos muitos, e mui assinados serviços, que os Reis de Portugal, como filhos sobre todos mui obedientes, logo, e despois sempre fizeram á Sé Apostolica, e assi outros por defença de exalçamento da Santa Fé, sejam, como são desta paga para sempre livres, e relevados, assi que neste Maio

deste anno de Christo de mil e quinhentos e treze, (1513) em que esta Coronica se começa, se cumprem, e acabam trezentos e setenta e cinco annos que Portugal é Reino, e ha trezentos e trinta e quatro que foi aprovado por Reino, izento como é, não reconhecendo superioridade a outro algum.

Ao tempo que El-Rei D. Sancho assi foi levantado por Rei havia quatro annos, que era já cazado com a Rainha Dona Doce sua mulher filha del-Rei D. Reimon Rei de Aragão, e Conde de Barcelona, e da Rainha Orraca sua mulher a qual em algumas memorias mais antigas se chama a Rainha Dona Doce, e em outras mais modernas se chama a Rainha Dona Aldonça: mas esto não faz contradição porque em sustancia o nome é todo um, e della El-Rei D. Sancho tinha já o Ifante D. Affonso seu filho primeiro, e herdeiro, e assi outros filhos, e filhas de que ao diante farei breve menção, dos quaes os filhos barões legitimos se chamam Ifantes, e as filhas legitimas, em cazo que não fossem cazadas se chamam Rainhas, e assi eram nomeadas nas solenes doações, e contratos em que todos eram nomeados, e os aprovavam, este costume se guardou sómente até este Rei D. Sancho, porque El-Rei D. Affonso seu filho já chamou aos filhos, e filhas Ifantes, aos legitimos de Dom, como em suas doações, e testamento parece, e os filhos bastardos que este Rei, e outros Reis depois tiveram, não se chamavam de Dom, mas por diferença da bastardia, foram sómente chamados por seus nomes do Bautismo com seus sobrenomes tomados dos nomes dos Padres, ou Avós, sem precedencia de Dom e sem alguma outra diferencia nem titulo de preminencia, mas assi como quaesquer outros do Povo, a saber Pedro Sanches, e Orraca Affonso, e Orraca Sanches, e assi é de saber, que do tempo del-Rei D. Affonso Anriques, até El-Rei D.

Pedro inclusivè, em que houve oito Reis de Portugál decendentes um do outro, todos em suas Cartas, Privilegios, e Doações, e quasquer outras Escrituras que eram feitas em nome del-Rei, e que não passavam por Dezembargadores, e officiaes decrarados, se punham seus sellos sem assinarem de seus nomes, nem doutro algum, e sómente se dizia: *El-Rei o mandou, e Foão Escrivão o fez.* E quando as cousas eram de grandes importancias, e para que compria mais segurança, e mór autoridade, a saber: *Pazes, Cazamentos, e Testamentos*, punham de suas mãos: *Eu Foão Rei a vi, e sob escrevi por minha mão*, porque El-Rei D. Fernando filho do dito Rei D. Pedro logo como Reinou assinou por si, poendo: *El-Rei*, segundo nas Cartas dos uns, e dos outros que estão na Torre do Tombo nestes Reinos de que eu Coronista sou guarda mór, todo esto assi vi, e o examinei por verdade, e este costume, e Ordenação de os Reis assinarem muitas cousas por si, ainda agora se guarda, mas é com grande differencia dos sinaes, porque nas cousas, e Provizões que hão de haver sellos, assinam *El Rei*, e nos Alvarás, e Cartas missivas assinam sómente *Rei*, e em outras cousas acordadas, que ainda requerem fazer-se outra provizão poendo seu passe, e em todos estos sinaes depois del-Rei D. Affonso deste nome o Quinto, que primeiro o costumou, álem delles, cinco pontos por lembrança das cinco Quinas de Portugal.

CAPITULO II

De algumas cousas, e feitos notaveis, que El Rei D. Sancho fez em sendo Ifante.

El-Rei D. Sancho ao tempo, que direitamente foi obedecido por Rei alem do Real, e antigo Sangue dos Reis de que decendia para devidamente ser Rei, ainda por obras, e claros feitos, já se fizera digno, não sómente de erdar por direito a sobcessão del-Rei seu Padre que erdou, mas de ser para ella emlegido, e requerido, não era sem causa, porque tendo El-Rei D. Affonso seu Padre em idade de oitenta e quatro annos correndo o anno do nascimento de N. Senhor em mil e cento e setenta e oito annos, (1178) porque neste tempo se acabaram umas tregoas de cinco annos, e de grande necessidade, que elle com os Reis Mouros Despanha seus comarcãos posera, vendo que por indesposição de sua pessoa, que por a perna que nas portas de Badalhouse quebrara, e por outros enconvenientes de sua honra, em que encorria se cavalgasse, não podia por si fazer a guerra aos infieis, assi como compria, e elle sempre fizera, confiando já das mostranças de discrição, e esforço de D. Sancho seu filho, que avia vinte e quatro annos porque com o exercicio das armas, e guerra já perfeitamente o exprimentara, desejando que em seu nome, e como seu verdadeiro sobcessor, elle proseguisse contra os infieis imigos da Fé, a conquistação legitima, e meritoria, que tinha emprendida, e com tanta tristeza leixada por tal, que mais tempo se não interrompesse, e metesse seu filho na dita conquista lhe fez sobre esso em Coimbra aquella excellente falla, mui dina de tal Pai, e de Rei mui Catholico, e tão

bom Cavalleiro, o qual Ifante D. Sancho porque sua idade o requeria, e seu coração muito mais o dezejava, com tal obediencia a recebeo nos ouvidos, que logo a passou a seu coração, e nelle atou com firmes nós de grande Fé, e singular Cavallaria, com que logo tanto que foram percebidos os Capitães, e gente de cavallo, e de pé, que para esso compria, se dispoz ao caminho, e á guerra já bem praticada, e refazendo-se na Cidade de Evora, com asás bem pouca gente, para tão grande, e tão perigosa empreza, como tomára, e se lhe offerecia, e com a benção, e boa ventura del-Rei seu Pai que tinha recebida, partio dahi alegre com o rosto na terra Dandaluzia, que então era chea de Mouros guerreiros por onde com mui singular destreza, e ouzadia foi guerreando, e estragando as gentes, e terras dos infieis, e posto que no caminho arduas contradições, e grandes afrontas dos imigos recebesse, porém sempre a seu pezar delles, e com grandes seus escramentos passou a Serra Morena sempre vencedor, e nunca vencido, e nunca temeroso, e sempre temido, e assi chegou á Cidade de Sevilha a qual por ser cabeça, e titulo então de grande Reino, e para presunção, e soberba em que estava de muito poderosa, ouve por sua grande deshonra, e incomparavel abatimento o que assi sentia com dor, e vergonha porque a todos era notorio, que depois da geral perdição Despanha, que foi em tempo del-Rei D. Rodrigo o derradeiro Rei dos Godos, nunca de Christãos, ella fora guerreada, nem sómente vista, o que ao Ifante D. Sancho, e á boa, e leal gente de Portugal que levava, acrecentou muita mais honra, e louvor, onde na crua batalha que nos arrabaldes foi aprazada, e logo cometida, e bem pelejada, não faleceo a D. Sancho prudencia, e acordo com que aconselhado da singular gente que levava, regeo, e ordenou suas batalhas, nem

menos esforço de valentia de coração com que nellas pelejou, cá por dar aos aeus clara esperança de segura vitoria com suas mãos, e armas não ociozas, seus encontros, e golpes, não eram segundos, mas primeiros, com os primeiros cometia as maiores afrontas, onde dos irozos braços de seus imigos recebiam para retorno dos que dava golpes duros, e asás perigosos, ali a olhos de todos no louvado, e glorioso officio de Capitão, e Cavalleiro claramente se mostrou ser bom filho de seu Pai, dino de em todo o soceder, ali a calidade, e antiga bondade darmas de gente Portugueza, dava seguro esforço, e esperança de vencer o que a sua pouca quantidade de gentes tão desigual á dos Mouros, podera por rezão denegar, mas finalmente aprouve a N. Senhor em cujo nome, e por cujo louvor, e serviço a batalha foi cometida, que ella se acabou com muito estrago, e grande mortindade dos imigos da Santa Fé, ficando o campo asás cheo de corpos cortados de ferro, e vazios dalmas danadas, onde o sangue dos vencedores, e muito mais dos vencidos foi tanto que deu nova, e mui espantoza corrente ás aguas do fermoso Rio de Guadalquibir ao longo do qual, e sobre o qual foi esta batalha onde já sem resistencia, e temor dos imigos que com medo se recolheram, o despojo do campo, que de cavalos, armas, cativos, e outras riquezas, foi de grande preço, sem estima, o qual despojo o dito Ifante com muita discrição, e maior nobreza por vencedores, com muita alegria logo repartio, não tomando para si, salvo a honra, gloria, e louvor da vitoria, e sobre tudo como Capitão prudente lhes dava aquelles agradecimentos, e louvores que por seus trabalhos, e serviços mereciam, com que os contentou, e satisfez de maneira, que acrecentou seu amor, e esforço, para nas maiores necessidades que ao diante ocorressem, melhor o ser-

virem ; e de Sevilha porque as forças dos contrairos comarcãos, pela força da batalha passada, ficaram muito quebrados, favorecido o Ifante D. Sancho da fortuna, e da sua propria Fé, principalmente guerreou, e destrohio muitos Lugares, e terras Dandaluzia ao longo do mar.

CAPITULO III

Como estando o Ifante em cerco sobre a Villa de Nebla, que é em Andaluzia, os Mouros cercaram Beja, em Portugal, e a veio logo soccorrer, e da vitoria que delles ouve.

ANDANDO o Ifante D. Sancho nesta prospera conquista, com vontade de o proseguir muito tempo, estando em cerco sobre a Villa de Nebla, e posta ella já em tanta necessidade, e estreiteza, para a em breve tomar, foi avizado que a Villa de Beja que El-Rei D. Affonso seu Padre aos Mouros tomara, era então delles cercada, e posta em grande afronta, e deste prudente ardil consultáram os imigos para com elle afrouxarem o Ifante da guerra Dandaluzia em que tão prosperamente andava, na qual cousa o Ifante como Principe não menos prudente que piedoso, e esforçado, concirando que El-Rei D. Affonso seu Padre, por elle Ifante ser afastado, lhe não seria tão facil aver gente, como para tal pressa e socorro requeria, especialmente por elle trazer a principal do Reino comsigo, e tambem não lhe esquecendo que era milhor, e a elle mais devido, antes conservar o ganhado, e seguro, que conquistar o duvidoso, determinou de leixar o cerco de Nebla, e partir-se, e socorrer com suas forças a Villa de Beja, por se não

perder, e por não dilatar muito tempo, e poder fazer suas jornadas com maior pressa, e menos torvações, apartou logo da sua gente aquella que lhe pareceo, com que milhor, e mais em breve podia socorrer, e porque o outro seu Exercito viria mais vagaroso, e para que ficando em terra de imigos, se podesse seguramente recolher, leixou por Capitão mór delle D. Pero Paes Alferes mór, que se mostrou agravado, e descontente por ficar, e não levar sua bandeira, especialmente em caminho, e para cousa de tanta honra, e perigo como se offerecia, e assi como por seu officio sempre fizera, e este D. Pero Paes Alferes foi filho de Payo Soares Capata e cazou com Dona Elvira filha de D. Egas Monis, e de sua mulher Dona Thareja Affonso a que fez, e dotou o Moesteiro das Sarzedas, e foi homem neste tempo mui principal, e em feitos darmas mui estimado.

Eram Capitães, que tinham Beja cercada, Abeamazim, e Albouzil estimados antre os Mouros, por bons Cavalleiros, antre os quaes, e assi antre as muitas gentes que comsigo tinham, porque souberam da vinda, e socorro do Ifante, do que a passar de Guadiana foram logo certificados, ouve Concelhos asás desvairados ca uns temendo já seu esforço, e o favor das vitorias de Sevilha, e Dandaluzia de que vinha mui favorecido, e assi não receando pouco ardideza dos bons Cavalleiros que o seguiam, aconselhavam a levantar o cerco, e não esperar. E outros concirando a pouca gente que o Ifante trazia em comparação da muita que elles tinham, receozos de receberem, por esso vergonhosa deshonra, e pubrico vituperio ainda que já eram meios vencidos, aconselharam esperar, e dar-lhe batalha, e este sinal acordo tomaram para sua maior perdição, e para mais acrescentar na honra, e louvor do Ifante, e na bondade, e merecimentos de sua gen-

te, porque achando elle Ifante os Mouros cercadores já fóra de seu arraial, e estanças, e com suas azes para batalha bem percebidos, e elle assi como vinha de caminho, tendo já com poucas palavras esforçada, e bem avizada sua gente, ferio nelles tão rijamente, e com tal esforço, que posto que a batalha fosse logo da sua parte, e da outra bem ferida, e perigosa, porém a poucas oras, aquelles dous Capitães Mouros principaes que dice, foram ambos mortos, e sua gente rota, e destroçada, e posta em fugida, no alcance da qual, que foi curto, os Christãos mataram, e cativaram muitos, e tornaram-se vitoriosos a roubar seu arraial em que acharam muito, e mui rico despojo pelo qual o Ifante vendo de sua jornada o efeito tão prospero recolheo sua gente, e assentou seu arraial fóra da Villa, e depois de dar pela vitoria infindas graças e louvores a N. Senhor elle tambem aos Christãos cercados, que com muita alegria, o sairam a receber, e visitar, deu singulares agradecimentos, que por sua constante lealdade, e por tão louvada registencia mereciam, dizendo-lhe mais, que a estima em que tinha suas pessoas, e serviços, davam testemunho, e verdadeira Fé, a que logo poderiam ver. e sentir na pressa, e deligencia que logo pozeram, e no socorro tão vitorioso como elles por sua misericordia, e poder de Deos, tão prosperamente lhes déra, e sobre esto dilatou o entrar da Villa até que D. Pero Paes Alferes com a gente que em Andaluzia ficara, alegres, e seguros chegaram a elle, com que entrou com muito prazer, e solenidade na Villa, onde por algum repouso dos seus sobresteve alguns dias, e despois de afortalezar a Villa, e assim outros Lugares da frontaria, de armas, gentes, mantimentos, e de toda outra defensão que sentio que compria aforrado com pouca gente se foi a Santarem.

CAPITULO IV

Como o Ifante D. Sancho foi em Santarem cercado de Miramolim de Marrocos, e como El-Rei D. Affonso seu Padre o soccorreo, e descercou, e mataram a Miramolim.

ESTANDO assi o Ifante em Santarem com proposito de ir visitar, e fazer reverencia a El-Rei seu Padre, que era em Coimbra, e darlhe conta de sua viagem, sobreveio logo, que Abuaxam Almohadim, o segundo Miramolim de Marrocos por vingança das mortes, cativeiros, e males que os Mouros da Espanha por El-Rei D. Affonso Anriques, e por elle Ifante D. Sancho seu filho recebidos tinham, de que a parte da Luzitania por elles então sogeita, e o Algarve com grandes lamentações, e verdadeiras causas de sua destroição se enviaram querelar, detreminou passar em Espanha, e fazer logo guerra a Portugal, e destroi-lo se podesse, para que ajuntou comsigo das gentes dáquem, e dálem mar, treze Reis Mouros, e com tanta gente de infieis, e de nações, armas, e trajos tão desvairados, como até então, segundo testemunho dos mais antigos, nunca outra tanta se vira junta, os quaes entraram pela Lusitania, que é arriba de Odiana, e correram a Estremadura, e sem resistencia passaram o Rio do Tejo, e depois de por força tomarem Torres Novas, e destroirem a Villa, com outras Villas, e Castellos de redor em que fizeram muito dano, elles neste anno que era do Nacimento de N. Senhor Jesu Christo de mil cento e oitenta e quatro, (1184) com seus poderes juntos a mais andar, vieram cercar a Villa de Santarem, o Ifante D. Sancho que pela pouca gente com que se achou

tão desigual em numero para resistir assi contra os infieis foi posto em grandes, e duvidosos pensamentos, e porem porque era o Principe de grão coração, e a que semilhantes afrontas já não eram as primeiras para com sua quebra o saltearem, esforçando-se principalmente na piedade de Deos, cuja era a empreza, e de si na experiencia, e bondade, e lealdade dos Portuguezes, que com elle eram detreminou não leixar a Villa, e esperar nella o cerco, e batalha, qual seguisse, e para receber os combates, que logo esperava não se quiz afortalezar dentro nos muros da Villa, nem Dalcaceva, que então era tão sómente cercada, e que em tal tempo era, e mais segura esperança de sua salvação, mas por milhor amostrar seu animo não vencido, e acrescentar mais na honra da vitoria, que se aparelhava aguardou, e se susteve sempre nos arrabaldes da Villa em palanques, e estancias, que com madeiras sómente afortalezou, onde por cinco dias continos foi de combates mortaes asás afrontado, e elle ferido, não sem muita perda com mortes, e feridos de seus bons Cavalleiros, e leaes Vassallos, que não acabavam as vidas sem dobrada vingança de seus imigos.

Ao tempo deste cerco, El-Rei D. Affonso Anriques era em Coimbra em idade de noventa annos porque dahi a um anno logo faleceo, e sabendo da vinda de Miramolim vendo logo de futuro como prudente, como exercitado guerreiro, que de alguma grande afronta de combates, ou batalha o Ifante seu filho neste cerco se não podia escuzar, posto que a carne por sua fraqueza, e grande velhice, já bem não podia obedecer á bondade, e viveza de seu espirito, porém no amor de tal filho, e na lembrança de seu perigo, que o esforçava, aparelhou a mais gente que pode para que com sua pessoa, posto que tão cançada fosse dar

logo a seu filho soccorro não menos necessario, que piedozo.

Sabendo os Mouros, que El-Rei D. Affonso era já na Villa de Porto de Mós, com firme detreminação de descercar seu filho, e dar-lhes batalha, se comprisse, elles para exprimentar se cobrariam primeiro a Villa, ante de sua chegada deram seus combates aos palanques do Ifante, com forças, e pressas dobradas, onde de uma parte, e da outra se davam, e recebiam muitas mortes, e feridas, e grandes danos, e achando nos Christãos tão grandes forças com tanta, e tão acordada resistencia desesperaram logo de cobrar a Villa, e temendo com esso a chegada del-Rei D. Affonso não sómente afrouxaram logo dos combates, mas muitos do arraial já como desesperados se partiam, e este conhecimento que do medo, e fraqueza dos Mouros logo se tomou, dobrou aos Christãos tanto esforco, que mui acezos para vingança os cometeram mui rijamente, e por força os afastaram de seus palanques, e estancias ordenadas, e os fizeram dahi recolher ao lugar, e monte Dabbade, e o Ifante estando ainda duvidoso, e não bem seguro de Miramolim com maiores forças tornar ao cerco, e combates sobre elle, não sabendo, nem esperando o soccorro, que lhe vinha, apareceo El-Rei D. Affonso seu pai assentado em um carro acompanhado de sua gente mais esforçada, e Real, que muita, e todos guiados de sua bandeira Real, em que o Ifante, e os Christãos por ser ella guarnecida de tantas, e tão grandes vitorias logo viram uma certa confiança de segura vitoria, pelo qual mui alegres, e com ella favorecidos cavalgaram, e sem detença se ajuntaram a El-Rei, sem se passar tempo em contas de cousas passadas, nem se fazerem antre elles as reverencias, e acatamentos devidos, mandou logo mover as batalhas contra os Mouros, em que fe-

riram tão sem medo, e com tanto esforço, que em poucas oras foram todos desbaratados, e vencidos, e os mais dos Reis Mouros que ali vieram, mortos com muitos outros dos mais principais, e na outra gente se fez grande estrago, e Miramolim de tais feridas foi ferido, que em passando o Tejo dellas morreo, e nas Coronicas dos Mouros se affirma, que um pião Portuguez o matou estando sobre Santarem, e por vingança da morte de Miramolim, entrou logo em Espanha Habuhalh-Moady, tambem terceiro Miramolim de Marrocos, este foi o que venceo a batalha de Lharquos a El-Rei D. Affonso deste nome o Noveno de Castella, de que os Christãos receberam muita perda, e Espanha esteve outra vez em ponto de se perder, mas este Miramolim morreo, e a poz elle soccedeo outro Miramolim seu filho, que diziam Abemtuafomas, e este tornou a ser vencido por o mesmo Rei D. Affonso, na outra mui celebrada batalha, que se diz nas Naves de Tolosa acerca Dubeda em Castella pela qual batalha os Mouros ficaram em grande escarmento, e de uma batalha a outra ouve despaço dezasete annos como nas Coronicas de Castella esto mais largo, e mais proprio se declara, e torno ás cousas de Portugal.

Como esta vitoria, e descerco de Santarem foi tão prosperamente acabado, El-Rei, e o Ifante volveram sobre o arraial dos Mouros, e o despojaram em que acharam requissimo despojo de muito ouro, e prata, e de tendas, Camelos, Cavalos, armas, e infindos cativos com que entraram na Villa ricos, vitoriosos, e alegres, dando muitas, e mui merecidas graças a Nosso Senhor por vitoria tão milagrosa, e despois que El Rei sobre esto tão louvado, e tão glorioso trabalho quiz repouzar, o Pai, e o filho se deceram, e o Ifante despois de lhe beijar as mãos lhe deu particu-

lar conta das grandes cousas que em Andaluzia, e em Beja, e neste cerco passara com que a alma del-Rei se alegrava, nem eram seus ouvidos fartos de as ouvir, pelas quaes perfeições, e muitas bondades, que em seu filho sentia, e com tão claras experiencias de já não serem duvidozas tendo nelle os olhos de lagrimas de muito prazer, e alegria lhe disse.

«Filho Deos nosso Senhor a que nada se esconde, sabe que nesta ora em que vos vejo, eu não sei se por serdes meu filho, ou por as bondades, e virtudes, que em vós conheço vos deva mais amar, mas por esso o louvo mais por ambas estas obrigações, e respeitos que quiz ajuntar em vós, para com rezão vos ter por ellas dobrado amor, se em mim se podesse dobrar». E despois de proverem as cousas de Santarem como compria, ambos juntamente se partiram para Coimbra, onde a poucos dias El Rei com sua alma já descançada, e satisfeita das cousas deste mundo, e para as do outro em todo descarregada, e limpa a deu a Deos que lhe daria eterna bemaventurança, e assim é de crer piedosamente, e o Ifante D. Sancho foi logo alevantado por Rei, como acima já brevemente disse.

CAPITULO V

Das cousas em que El-Rei D. Sancho nos primeiros annos logo entendeu de seu Reinado, e como neste tempo a Santa Cidade de Jerusalem foi dos infieis tomada, e do que El-Rei sobre esto fez.

Nos primeiros tres annos do Reinado del-Rei D. Sancho entendeu elle em defender com as armos seu Reino, e governa-lo direitamente com justas leis, porque para uma cousa, e para outra tinha singular perfeição, porque era Principe Catholico, e mui amigo de Deos, esforçado, bom, e prudente, e de bom juizo, e muito amado de seu povo, e principalmente procurou que o Reino para as cousas temporaes fosse bem aproveitado, e que os homens naturaes delles sendo fóra das guerras e afrontas necessarias não se dessem a vicios, e ociosidades, mas que vivessem por seus trabalhos, e para esso deu muitos foraes, e mui favoraveis a muitas Cidades, Villas, e Lugares do Reino, que elle novamente fundou, povorou, e fortalezou, como ao diante direi, e assim fez muitos emprazamentos de terras, e reguengos a muitas pessoas particulares, e tanto gosto tomava, e cuidado no aproveitamento, e bem feitorias da terra, que geralmente não sem causa era chamado Lavrador, e no cabo dos tres annos andando a era de Cezar em mil duzentos e vinte seis annos, em o anno do Nacimento de N. Senhor de mil cento e oitenta e oito annos, (1188) a Casa de Jerusalem por Saladino Soldam do Egypto, imigo da Fé ultimamente foi tomada, e porque El-Rei D. Sancho com os outros Reis, e Principes Crhistãos, para a recobrarem foram dos

Papas com grande instancia exhortados, e requeridos, para esto melhor se entender farei desso algum fundamento breve, mui alto.

Para o que é de saber, que no anno de N. Senhor de mil e noventa e dous um Pedro Ermitão, de nação Francez, barão Religioso de santa vida, e mui esforçado, vindo da Terra de Suria, e Cidade Santa de Jerusalem achou em França o Papa Urbano II aqui por Catholicas querelas, e grandes lamentações que lhe fez sobre o vituperado cativeiro do Santo Sepulchro, e do desprezo, e mao trato de seus Menistros, estando tudo por fraqueza dos Fieis em poder de Calipha Mouro tirano, e mui poderoso, e comoveo a fazer como fez solene, e geral Concilio em França na Cidade de Claromonte em Alveinja, onde comoveo para esta conquista, e assi todolos Reis, e Principes de Europa, que ali nesta santa expedição se apartaram principalmente Gudufre de Bulhão Duque de Lotorigia, e Baldovino seu irmão, e o Conde D. Reimão de S. Gil, genro del-Rei D. Affonso VI de Castella, cazado com Dona Ervira irmã da Rainha Dona Thareja madre del-Rei D. Affonso Anriques, e o grande Hugo irmão del-Rei Fellippe de França, e o Principe de Milam, e Bermudo irmão de Rogerio Duque Dapulha, e um filho de Vital Michael Duque de Veneza, com grande frota, e assi a Cidade de Genoa, com muitas Galés, os quaes todos segundo a geral estimação, que se fez, refizeram para esta conquista trezentos mil homens que de uma Cruz vermelha foram todos assinados, e cruzados em nome do Papa.

Foi por seu Delegado no Exercito Hadamaró Bispo Podiente Barão em todo mui singular, e o sobre dito Pedro Ermitão tomou sobre si a Capitania de muita, e mui esforçada gente, a que se ajuntou Reinaldo Capitão dos Alemães, que sua via para Alema-

nha, e Ungria, e indo para terra entraram a Suria, e com grandes revezes, e fadigas de mortes, e cativeiros que nos caminhos padeceram, finalmente chegaram a Jerusalem, e os outros Capitães ordenados com suas gentes passaram os Alpes, e depois de visitarem a Roma, e receberem a benção, e absolvição do Papa, se despediram, e embarcaram em Italia, e assi todos se ajuntaram sobre a Santa Cidade, a qual por longos tempos, e grandes antrevalos cobraram, e a tiraram do poder do dito Calypha, que ahi morreo, sendo tambem destroçados, e vencidos outros Reis barbaros, e feito nelles tão grande estrago, e em suas gentes, que o sangue, segundo Fé de dinos escritores dava nas ruas da Cidade pelos artelhos dos pés dos homens, e esto foi no anno de N. Senhor de mil e noventa e nove, (1099) e do cativeiro de quatro centos e noventa annos, quando tendo nella o imperio, e senhorio Heraclio, foi dos infieis primeiro tomada.

E por concordia, e prazer de todolos Principes e Senhores Christãos, que nesta expunhação eram presentes foi alevantado por primeiro Rei de Jerusalem o dito Duque Gudufre de Bulhão a que se deu em Belem a obediencia com grandes, e santas ceremonias no anno de nossa salvação de mil cento e um annos, (1101) e neste alevantamento porque com uma coroa douro mui rica o quizeram coroar, e elle o não consentio, e a desprezou, dizendo, que não era cousa dina homem Christão sendo terreal ter em sua cabeça Real coroa douro, naquelle lugar onde o Divino Rei dos Reis, por salvação da geração humana a tivera na sua com espinhos tão aspera. Este Rei Gudufre, e seis Reis de Jerusalem, que a poz elle Reinaram, dos quaes Guido Rei foi o derradeiro, tiveram a Caza Santa com gnande honra, e muita gloria, e louvor da Religião Christã até oitenta e oito annos, no cabo dos

quaes foi della Rei mui singular, e mui esforçado Baldovino o leproso, deste nome o quarto, e dos Reis de Jerusalem o setimo, que por sua incomparavel enfermidade não cazou, e fez herdeira do Reino Sebila sua irmã maior, que logo cazou com Guilhelmo dito por alcunha longa espada, filho do Marquez de Monserrado, que a pouco tempo faleceo, e ficou delle, e de Sebila sua mulher um filho chamado tambem Baldovino, a qual Sebila ainda em vida de seu irmão Baldovino casou a segunda vez com Guido de Lousinhã; homem mui principal ao qual, e assi a D. Reymão Conde de Tripuly o dito Rei Baldovino deu a tituria do menino Baldovino seu sobrinho com fé, e juramento, que tanto que fosse em idade para por si reger, lhe entregasse o Reino, que elles em tanto haviam de governar, e defender, mas como El Rei Baldovino o leproso faleceo, Guido, e Sebila sua mulher nem consentiram o Conde de Tripuly na governação do Reino, que em nome do menino se havia de fazer, o qual a oito mezes depois da morte do tio, tambem logo faleceo, cuja morte sua mãi encobrio, até que por dadivas, e promessas concordou com o Patriarca dito Arnulpho, e com os mais dos Senhores daquelle Reino, que Guido seu marido fosse emlegido, e alevantado por oitavo Rei de Jerusalem, naquella eleição, e obediencia o sobredito D. Reymão não consentio antes o contradice, e havendo entre si muitas differencias, e começos de grandes imizades, partio de Jerusalem, e se lançou com o grão Soldão de Babilonia, e muita gente com elle, da qual cousa por elle ser mui principal, e de grande authoridade, se seguio grande mal, e total perdição do dito Guido Rei, e de todolos outros Christãos da Terra Santa porque Saladim Rei barbaro Mouro no Egypto mui poderoso, sendo desta divizão, e discordia dos Christãos certificado, ajuntou grandes

exercitos de infieis com que logo conquistou, e cobrou sem resistencia muitas Cidades, e terras do Reino de Jerusalem, e veo pôr cerco á Cidade Descalom, onde por mais forte estava El-Rei Guido, e o Mestre do Templo, cujas pessoas despois de perlongado o cerco por condição, e partido forçados, e sem suas vontades foram pelos da Cidade entregues a Saladim, por dar por esso como deu a vida a todolos outros, que na Cidade eram cercados, e com esta vitoria, e destroço dos Christãos, o dito Saladim foi logo cercar a Cidade de Jerusalem, que temorizada com seus defençores das mortes, e cruezas por outra já padecidas, e desesperada do soccorro, nem outra ajuda, sem afronta, nem estreito combate se lhe deu, tomando os de dentro as sós vidas por partido, com o que ás costas podessem levar de suas fazendas, e esta miseravel tomada, e doloroso cativeiro da Santa Cidade de Jerusalem foi a dous dias Doutubro, do anno de N. Senhor de mil cento e oitenta e oito (1188), que foram oitenta e oito annos despois que do Duque Gudufre fora tomada, e com muita prosperidade, e grande louvor da Christandade possuida como atraz já toquei.

CAPITULO VI

Como a segunda passagem que por soccorro da Casa Santa se fez, e o que della succedeu

Das gentes, que das inhumanas cruezas, e grandes cativeiros dos infieis, salvaram as vidas cada um por salvo conduto dos barbaros outorgados seguiram o caminho, que suas vontades,

ou suas venturas lhes então melhor ordenou, antre os quaes muitos que vieram a Europa logo se foram lamentar sobre o cativeiro, e redenção do Santo Sepulchro aos Papas Urbano o segundo, e Gregorio o outavo, cuja morte breve, e anticipada, que lhe sobreveio, atalhou seus desejos, que para o efeito desto mostraram mui ferventes, e o Papa Clemente III que os succedeu, ainda que pouco vivesse, comoveo em sua vida grandes exercitos de muitos Reis, e Principes Christãos que passaram a ultra mar, em que era o Emperador Federico, e Felippe Rei de França avô del-Rei S. Luis, e Ricardo Rei Dinglaterra, e o Duque de Borgonha, com outros muitos Duques, e Condes, e Senhores de nobres titulos, e grandes potencias de toda a Christandade os quais antre si por escuzarem competenclas, e sem alguma contradição emlegeram por seu capitão geral a Bonifacio Marquez de Monteferrado, que era auzente por ser homem prudente, mui esforçado, e de grandes experiencias para tal cargo, e sendo todos passados a ultra mar como quer que não cobraram a Caza, e Cidade Santa de Jerusalem; porém fizeram tão grandes danos aos infieis, que sendo o tyrano Saladim em muitas batalhas pelos Christãos destroçado, e estando já em condição, e pensamento de lhes entregar a Santa Çidade, aconteceo por desaventurado caso quc o Emperador Federico faleceo, a poz cuja morte ouve sobre o Principado de Jerusalem tantas dissenções antre El Rei de França, por discontente do negocio se tornou para seu Reino, e El-Rei Dinglaterra ficou por alguns dias fazendo crua guerra aos Infieis, e detreminando cercar a Cidade de Jerusalem, e cobra-la com suas forças, e porque sobrevieram grandes invernadas, e por esto muitas gentes de seu exercito se partiram, mudou seu proposito da guerra, e fez com Saladim pazes temporaes, de que

ouve segundo testemunho de muitos, grande soma de dinheiro, com a qual tornando-se para Inglaterra no caminho foi de Christãos Dalemanha seus imigos prezo, e cativo, e despois resgatado por maior riqueza do que recebeo.

Mas o louvado Capitão Bonifacio com aquelles Christãos que o quizeram ajudar nunca leixou a empreza gastando nella todo o que tinha, até sobre esto vender a Venezianos a Ilha, e Senhorio de Candea, que era sua, por dinheiro apreçado para em alguma mancira soster a gente darmas, que por fé, e devação o seguiam, em cuja Capitania a conquista de ultra mar, e guerra della durou alguns tempos, sostendo, e defendendo alguns Lugares que pelos infieis não foram tomados. A qual guerra durou assi até o tempo do Papa Innocencio Terceiro, que fazendo grande, e universal Concilio em Roma a cerca de S. João de Latrão sobre a guerra dultra mar, e recobramento da Caza Santa, sobre a justa concordia que se tomou, enviou seus Breves, e com elles Bullas da Cruzada a todolos Reis, e Principes de Europa, antre os quais foi El-Rei D. Sancho, que ouve tambem seu Breve asás longo, cuja copia chea de lamentações, e de rezões mui evidentes, escuso declarar aqui, porque a causa para Christãos era mui justa, e santa, e as necessidades para remediar eram urgentes e mui piedosas, sómente abasta saber-se, que com toda a efficacia, lhe senificou a ultima destroição da Caza Santa, e o comunicou, e exhortou para cobramento della, com outorga, e concessão de plenarias Indulgencias aos que lá fossem, e tambem aos que para tão santo soccorro, e justa expedição dessem ajudas de gentes, e dinheiros.

E com esta messagem do Papa sobre caso tão triste, que El-Rei D. Sancho recebeo foi mui anojado, e nas

cousas de sua mui real Pessoa, e Corte, mostrou tanto sentimento, quanto se esperava de tão bom, e Catholico Rei, como elle era, e tendo Concelho o que em tal tempo, e tal caso se devia fazer, El-Rei em quanto tomava Concelho de si mesmo, e de sua devação, e do desejo que tinha dacabar ajuda em semelhante conquista de tanto serviço de Deos para merecimento, e salvação de sua alma, pareceo-lhe cousa justa leixar seu Reino, e levar delle todo seu tesouro, e gente, e armas, e poder, e seguir a empreza dultra mar por redenção da Caza Santa, mas aconselhado da rezão que lhe apresentou os muitos inconvenientes, e grandes males, que não sómente a seu Reino, mas a toda outra Religião Christã pelos Mouros Dafrica, e da Espanha principalmente sem resistencia sendo ausente se podiam seguir, ouve então a ida de sua Pessoa, e ajuda de suas gentes por mui prejucial, e em grande desserviço de Deos, e de sua santa Fé, o que não era sem causas mui conhecidas, porque a mor parte de seu Reino de Portugal tinha Mouros imigos, por fronteiros, e continuos guerreiros, que por males seus recebidos, procurariam logo sua vingança, como elles por seu dobrado mal, que receberam, muitas vezes cometeram, especialmente por si, e em seu favor toda a potencia Dafrica, com vivo desejo, e tão crua, e antiga imizade para a segunda destroição Despanha, pelo qual concirou, que não seria total segurança da Christandade cerrarem se as portas da guerra Dazia com a conquista de ultra mar, e abrirem-se as de Europa em Espanha, para mais conhecida, e mais facil destroição da Religião Christã. As quaes rezões, e escuzas del-Rei D. Sancho emviou logo por sua parte ao Papa, e ao sagrado Collegio dos Cardiaes, e aos Principes, e senhores, que para esta conquista eram aparelhados, remetendo tudo a seu bom Concelho, e

madura detreminação, os quaes sem longo exame, nem muitas altercações louvaram, e aprovaram seu conselho, e santa, e prudente tenção, e ouveram por bem que ficasse, e não fosse.

CAPITULO VII

Do que El-Rei D. Sancho fez depois da escuza dultra mar, e como foi cercar Serpa, e despois a Cidade de Silves, que era de Mouros.

El-Rei D. Sancho por assi ficar, e não ir com os outros Reis, e Principes nesta conquista pareceo claramente que recebeo, e ficou com muita tristesa, mas porque esta sua devação para guerra tão piedosa não parecesse esteril, e izenta de algum beneficio não leixou por esso de fazer, e enviar grandes ajudas, e esmolas a Jerusalem para se manter, e não desistir da santa guerra, e álem desso para maior perpetuidade della, deu em seu Reino a muitas Villas, e terras novas, que então eram do Esprital de S. João, e do Templo de Salamão em Jerusalem, para repairo do Santo Sepulchro, cujas rendas se arrecadam pelos Mestres, e Priores que pelas ditas Ordens em cada um Reino eram deputados, e álem destas testemunhas verdadeiras de sua grande fé, e fervente devação porque ellas ainda não satisfaziam a bondade, e grandeza de seu coração, determinou pois os dultra mar aviam de trabalhar por acrescentamento, e louvor da santa Fé, que elle tambem em seu Reino não estivesse ocioso, pelo qual as treguas, que por algum tempo tinha com os Mouros assentadas as mandou logo ale-

vantar, e com suas gentes, que logo ajuntou correo, e destroio em pessoa as terras dos infieis na frontaria Dandaluzia, e da volta já sobre o Inverno, veio pôr cerco sobre o Castello de Serpa, que por dias combateo, e poz em grande afronta, com danos, e mortes dos cercados.

Mas por chuvas, e grandes tempestades, que logo sobrevieram, alevantou o cerco, e parece que daquella vez não tomou a Villa, e por a este respeito ser tomada a Caza Santa como dice, acertou que no anno seguinte na era de N. Senhor de mil cento e noventa e nove (1199), muitos Christãos nobres das terras de Ponente de nações desvairadas, a saber Alemães, e Framengos, e Francezes, sendo em suas terras pelo Papa exhortadas para santa passagem de Jerusalem, como o foram todolos os outros Christãos movidos por devação, como bons Catholicos, e para maior merecimento de suas almás se meteram em cincoenta e tres Naos para irem ajudar a servir na dita conquista, e sendo em mar a travez Despanha, deu nelles uma grande, e perigosa tromenta, que para o que se seguio, foi asás piedosa, e bem aventurada, com força da qual, e sem suas vontades delles veo ao singular, e seguro porto da Cidade de Lisboa, ao qual tempo El-Rei D. Sancho era em Santarem, e sendo avizado da vinda, e estada da frota por saber da nação das gentes que nella eram, com que fundamento, e proposito vinham, se veio a Lisboa, e despois de saber delles em certo seu santo proposito, ouve desso grande prazer, e em sua pessoa lhe louvou muito, e sobre esso os mandou honrar, e agasalhar com a honra, e aquella abastança de mantimentos, e refrescos, que seu destroço desejava, e como á grandesa, e estado de tal Rei pertencia, e porque o tempo por uma ordenança, e premissão Divina foi á frota, e á sua nave-

gação muitos dias contrairos para não poderem sair, e fazerem sua preposta viagem, El-Rei praticou com os principaes delles uma deliberação, que despois de saber sua vinda áquelle porto comsigo mesmo logo maginou, e com alguns seus, despois a consultára, a qual era irem todos juntamente sobre algum Lugar principal dos Mouros, que na costa do mar estivesse, e com a ajuda de Deos, e suas forças trabalhassem de a tomar, e que para esta obra tão santa podiam direitamente com mudar seus votos, e desejo que traziam de na mesma guerra contra os infieis servirem a Deos, e ainda que sua providencia parecia para outro fim, não premetia sua tardança, o que aos Estrangeiros principaes logo pareceo bem, e despois por acordo que antre si todos tiveram, o aprovaram, e apontando El-Rei os Lugares dos infieis sobre que deviam de ir, não se achou outro contra que houvesse mais rezão que a Cidade de Silves no Algarve porque era Lugar grande, e junto da costa do mar, em que os imigos cossairos achavam provizões, e amparo, e dahi saiam a fazer suas prezas a desvairados Lugares em que danificavam muito aos Christãos, e por estes males para que na Cidade avia grande disposição, e que os Estrangeiros foram representados lhes prouve que esta fosse, a que fossem combater, e tomar mais que outra alguma, e sobre esso antre El-Rei, e elles foi concordado, que dando Deos a Cidade em seu poder que El-Rei em sua parte a ouvesse com seu senhorio, e elles levassem todo o despojo que se nella tomasse, e desto se fizeram antre todos seguranças devidas e firmes, e tanto que antre elles esto foi assentado porque El-Rei tinha alguma sua gente prestes mandou em tanto com ella por terra o Conde D. Mendo, que se dizia o Souzam, seu vassallo, e natural que no Reino de Portugal áquelle tempo era o maioral, e mais prin-

cipal Senhor, porque era bisneto del-Rei D. Affonso Anriques, filho de D. Gonçalo de Souza que cazou com Dona Orraca Sanches filha de D. Sancho Nunes, e de Dona Tareja Affonso filha bastarda del-Rei D. Affonso Anriques, e tinha muitos, e mui honrados filhos de que ouve genros homens de estima, e ordenou El-Rei, que os Estrangeiros fossem por mar, para logo porem cerco á Cidade, e que El-Rei despois de ajuntar mais gentes por mar, e por terra, lhe iria logo soccorrer, e assi se comprio porque o Conde com a gente que lhe foi ordenada logo partio, e ehegou a Silves primeiro que a frota.

CAPITULO VIII

De como a gente de Portugal, e a dos Estrangeiros chegarm a Silves, e lhe puzeram cerco, e deram o primeiro combate.

DESPOIS da frota dos Estrangeiros arribar ao porto do mar mais acerca de Silves, e os Capitães, e homens principaes della poerem suas gentes em terra, e assentarem seu cerco o Conde D. Mendo como era barão de mui nobre sangue, e prudente, e no exercicio da guerra bom Capitão, e esforçado Cavalleiro, tanto que vio os Estrangeiros aposentados os visitou logo com grande prazer, e muita humanidade dizendo-lhe palavras de esforço, e desejada esperança, com que mostraram ser para sua empresa alegres, e espertos, sendo logo juntos, lhes dice mais: «Parece-me senhores que a rezão, e o serviço de Deos porque vimos, e tambem nossas honras nos obrigam fazermos nesta chegada tal cometimento

porque estes Mouros imigos da santa Fé, logo comessem de ver, e experimentar com seu dano, nossas forças, e que gente somos, porque muitas vezes um só, e pequeno combate, se é bem apressado faz tal quebra e fraqueza na força dos imigos, que sem grandes perigos nem grandes trabalhos os move, e faz render por vencidos, e havendo de ser como aqui parece seja logo sem outra tardança».

Da qual cousa muito aprouve aos Estrangeiros que o louvaram, e aprovaram, porque eram homens de bom coração, e de suas terras vinham já para esso inclinados, e oferecidos, pelo qual todos juntos, e conformes em uma vontade na boa ordenança que entre si praticaram, deram logo á Cidade um rijo combate com que entraram por força os arrebaldes della, que eram cercados, que os Mouros leixando primeiro nelles muitos dos seus mortos, e feridos, logo desampararam, e mal acordados de meios vencidos se recolheram ácerca da Cidade, a qual naquella volta fora dos Christãos entrada, se não fora a desordenada cobiça, e principalmente dos Estrangeiros com que esquecidos da honra, e lembrados por então da riqueza, e despojo que se lhes oferecia a não quizeram entrar, intentos, e ocupados sómente em roubar as muitas, e boas cousas, que pelas cazas dos arrabaldes achavam, e as recolhiam logo aos Navios sem outro cuidado, e ainda despois de as recolherem, e satisfazerem a seus desejos, com tudo o que do despojo milhor lhe pareceu ao mais que ficou por se delle outros não aproveitarem pozeram fogo bravo, do que desaprouve muito aos Portuguezes, e lhe estranharam como sua cobiça, e inveja então mereciam, por não quererem que do que não queriam, e lhes avorrecia, os outros se aproveitassem.

CAPITULO IX

Como El-Rei D. Sancho chegou com sua gente por terra a Silves, e da outra sua que tambem foi por mar, e dos combates que logo se deram.

El-Rei D. Sancho despois de apurar, e ajuntar suas gentes do Reino apartou dellas as que lhe bem pareceram, e com ellas por terra se foi a Silves, e as outras mandou por mar em sua fróta, em que havia quarenta Galés, e Galiotas a fóra outros muitos Navios, em que iam todalas armas, engenhos, artelharias, que compriam para cerco, e combate de uma tal, e tão forte Cidade, e assi muitos mantimentos aquelles que se bem poderam alojar, e chegou El-Rei sobre a Cidade no mez de Julho vespora de Santa Maria Magdalena no anno de N Senhor de mil e cento e noventa e nove (1199) e neste tempo já o Ifante D. Affonso filho maior, e herdeiro del-Rei D. Sancho, e da Rainha Doce, era nacido, e havia treze annos.

Com a chegada, e Pessoa del-Rei foram os Christãos mui alegres, e favorecidos, e os Mouros da Cidade mui tristes, e postos em duvidosa esperança de sua salvação, e defenção, e por El-Rei não estar ociozo mandou logo com muita pressa, e destreza armar os engenhos em torno da Cidade, e repartir o combate das escalas, em que ordenou muitos besteiros, e archeiros, e todo o mais que compria, com que logo por muitas partes combateram a Cidade sendo El-Rei em pessoa, que os esforçava. Mas por ella ser muito forte e asás provida de gentes infieis, e bem guerreiras, e elles como desesperados de alheo soccorro e por salvarem as vidas, se defenderam por maneira que os

Christãos com muito dano que dos de dentro receberam, se afastaram dos combates porque El-Rei vendo a resistencia, e força dos imigos, e as minas de setas, e pedras com que feriam, assi o mandou, e houve então por milhor, que emsestir no combate, e os Framengos não menos maravilhados, que receosos de tão perigosos combates crendo que por minas secretas poderiam derocar os muros, e mais facilmente cobrar a Cidade, trabalharam-se de logo as fazer de que fossem cubertas de terra.

E passando-se alguns dias neste trabalho sem se darem apertados combates, conforme aos primeiros, os Mouros entendendo por tal lugar, o outro fundamento, que se fazia para sua destroição, e entrada da Cidade, fizeram como prudentes outras contraminas com que atalharam o lugar onde conjenturaram que poderiam sair os Christãos, e com muita trigança de fazer fizeram outras minas mui mais altas com devida segurança de não danar o pezo da terra aos que a faziam. E porque viram que os combates da Cidade para se tomar á escala vista como cuidaram, eram mui dificultosos, e de grande perigo, e com isto para mais fadiga dos cercados, não leixava El-Rei de mandar combater a Cidade com todalas outras armas, e engenhos, e artelharias que era possivel, mas faziam pouco dano, cá era logo remediado, e atalhado dos Mouros, e com outros engenhos, e defezas, que a necessidade (mestra maior de todalas cousas) em taes afrontas lhe ensinava, e nestes combates que El-Rei ordenava, os Estrangeiros que não menos eram armados darmas, que de bom esforço, nunca mostravam sinal de covardes, antes assi se offereciam aos maiores perigos como se nas mortes recebessem para sempre as vidas, porque quando alguns delles neste auto morriam, em quanto sua alma está no corpo, e podia

ouvir, e entender o que lhes dicessem uns companheiros aos outros, se diziam palavras tão catholicas, e de tanto conforto, e com tão fervente esperança de sua certa salvação que parecia os vivos haverem aos mortos enveja, por tão bomaventuradamente, e por Fé de N. Senhor, e seu exalçamento os verem acabar, e para devidamente sepultarem os seus que no cerco falecessem, e para que ás suas almas se podessem fazer algum beneficio, de sacrificios, fizeram de novo uma Egreja que os Bispos de Coimbra, e do Porto ali consagraram.

CAPITULO X

De como foi combatida, e tomada a couraça da Cidade em que estava a mais segurança, e maior repairo dos Mouros.

DURANDO já o cerco por tres semanas, e sendo a vitoria dos cercadores, e cercados mui duvidosa porque El-Rei detreminou não se alevantar do cerco, sem primeiro cometer todolos caminhos para cobrar a Cidade, vendo que os Mouros tinham para o rio uma couraça de muros muito fortes e bem torrejada pela qual se proviam abastadamente sem perigo dagoas com que eram por muitas cousas, e em suas necessidades mui refrescados, detreminou sobre Conselho, e acordo bem consirado de poer logo suas forças em cobrar a couraça, para a qual concertados todolos engenhos, artelharias e todas as outras cousas que compriam, sendo juntos todos os bésteiros, e frecheiros, e outra gente darmas escudados de mantas fortes, e amparos cubertos de couro para combater,

fizeram principalmente sobre esso uma manta de traves, e vigas mui fortes, que pegaram com a torre que estava sobre um grande poço de muita agoa doce, que dentro da couraça havia tambem com tenção de a picarem, e sendo derribado fazerem por ahi a entrada á couraça, e á Cidade, mas os Mouros quando viram cousa tão aparelhada para mais breve sua perdição, acorreram ali com diligencia, e grande trigança para empedir o efeito da manta, que se concertava, lançaram das Ameas muita lenha, e sobre ella outros materiaes revoltos em fogo, e foi tanto, e ardente que a manta sem alguma detença foi queimada, e feita em pó.

E o fogo foi tão forte, e tão junto da torre, que com a força delle abrio ella logo por muitas partes, em que tambem se mostrou outro verdadeiro caminho de mais certa destruição dos contrairos, pelo qual El-Rei lhe mandou logo tirar com grandes tiros, e grossos de polvora, com que a poucas horas foi derrotada, e vendo El-Rei aparelhada desposição de cobrar a Cidade, elle com palavras doces, e promessas de grandes mercês, esforçou, e animou todos para o apressado, e não medroso combate alargando mais as cousas de sua nobreza aos que milhor, e mais ousadamente naquelle feito lhes merecessem, e a esto não ajudou pouco as santas exhortações, e evidentes exemplos com aprovadas authoridades com que os Prelados da hoste tambem esforçavam, porque concludiam que a causa da peleija era sómente de Deos cujo galardão aos que vivessem, e morressem era muito certo que neste mundo teriam honrada fama, e grande louvor, e na outra a gloria dos Santos para sempre.

E acertou-se que um Christão dos que cavavam nas minas tinha cativo na Cidade um filho, e com seu natural desejo de o ver, e cobrar, disse a El-Rei, que

elle queria ser o primeiro que dos muros da couraça tirasse a primeira pedra, e com seu esforço que El Rei favoreceo, com promeça de grande mercê, elle assi o comprio cujo exemplo, e bondade logo seguiram, com que no muro fizeram um buraco assi grande, e tambem cavado em arco, que dentro delle sem medo dos tiros, e lanços que vinham do muro cavavam, e faziam sua obra como era seu proposito minando ao longo, e apontando o muro, e enchendo os vazios delle com lenha, e outras cousas, com que o fogo que lhe puzessem milhor ardesse, o qual a poz esto foi posto, com que em breve espaço caio um grande lanço de muro, que estava contra o arraial, sobre a qual cousa se seguiram logo muitas gritas, e outros sinaes de grandes alegrias, que os Christãos por esso fizeram, dando muitas graças, e louvores a N. Senhor por mostrar taes começos de os querer ajudar.

E com esto mandou El-Rei trigosamente trazer uma escada asás forte, e conveniente, e a deu áquellas pessoas de que por então confiou, que não recearíam a subida, mas o muito alvoroço, e grande trigança foi assi desordenada nos que haviam de sobir, porque na dianteira se melhorasse em honra, e merecimento como nos taes casos, e antre os nobres homens se costuma fazer, não seguraram o assento da escada, como deveram, pelo qual sendo já chea de gente desconcertou-se o assento, e com todos caio em terra, de que dous sómente morreram do qual desastre, e má prudencia começou de tirar dos corações dos Mouros alguma da muita tristeza, e desmaio que o ardido cometimento dos Christãos lhe tinha posto, e quizeram esto testimunhar com vozes, e alaridos de grandes desprezos, e porém aos Christãos ainda que vissem estos, que pareciam começos de infelices pronosticos, não faleceo tambem a mesma tristeza, e assi dôr com que enco-

mendando-se a Deos devotamente lhe fizeram esta breve oração.

«Oh Deos, Santo dos Santos, Eterno, e todo Poderoso, porque em teu serviço, te aprouve de nos guardar deste tão grande, e manifesto perigo, te damos muitas graças, e porém a tua grande Misericordia, e a teu imenso poder de coração pedimos que assi como ás vozes das trombas dos Sacerdotes, os muros de Jericó por teu mandado cairam, e milagrosamente vieram todos a terra, assi nesta empreza, que toda é tua nos queiras ajudar contra estes Mouros, que sómente temos por nossos imigos, porque o são da tua santa Fé, de maneira que nossas forças de tua ajuda, e graça favorecidas os ponham em tal temor, e espanto que não resistam, nem durem mais ante nossa face».

Sobre a qual devota oração os Christãos todos como vestidos doutro maior esforço logo com grande aguça concertaram a escada, e assi a assentaram, e puzeram aos muros da couraça para que outra desordem, e perigo como o passado desso se não seguisse, pela qual os ordenados logo sobiram sem temor, nem espanto das muitas pedradas, e feridas, que os Mouros por resistencia, e sua defenção aos Christãos davam, e o que tomou o guia deste escalamento, levava sua espada nua cuberta de um leve escudo, que como foi sobre o muro, matou logo o primeiro Mouro que encontrou, apoz o qual seguiram logo outros que cometeram, e feriram assi aos infieis contrairos, que não podendo-se sofrer, nem sabendo resistir á força dos Christãos, que os vencia, e forçava, tomaram por sua salvação volver as costas, e leixarem sem defenção os muros da couraça, que os Christãos iam logo cobrando, e os outros Mouros que ficavam nas torres, e muros da Cidade por guarda, e defenção della, quando viram os Christãos já senhores da couraça, e despos-

tos para tomar a Cidade, e entra-la por força, muitos delles com fundamento de em efeito desesperado acabarem as vidas, e honrarem bem suas mortes, se apartaram para socorro dos que fugiam, com que fizeram uma volta em que dambas as partes houve uma crua e mui ferida peleija, que a só noite apartou com mortes, e feridas de muitos, e os Mouros se recolheram dentro da Cidade, e cerraram as portas, sobre que pozeram seguras guardas, e a couraça ficou tomada em poder dos Christãos, que mui alegres do feito deram muitas graças a N .Senhor; porque nelle já viam prospero começo para o feito de sua empreza.

CAPITULO XI

Dos mais Combates, que succederam, e como os da Cidade por força se renderam a partido, e a cobraram.

Com o cobramento da couraça não cessavam de trabalhar nas minas altas, que começaram com desejo de as chegar abaixo dos muros, para com fogo, sem perigo da gente, os fazerem cair, como os da couraça, e tambem com esso não leixaram de aver rebates, e escaramuças, que os Mouros davam; mas rão eram tão apressados, nem com tanta viveza, e esforço como dantes faziam, porque nellas com as mortes, e feridas, que recebiam eram já mui escarmentados, e receozos, e porque este cerco tinha mostranças de mais prolongado do que se esperou, e que aos Estrangeiros era já mui nojoso, desejando pôr esso que o cobrar da Cidade, ainda que fosse com todo seu risco se não dilatasse, falaram sobre esso com seus

Sacerdotes, que antre si na frota traziam por pessoas de que recebiam seus conselhos, e por quem principalmente se governavam, estes eram trinta e seis homens de boas vidas, e santa tenção que cada dia celebravam, e faziam os Officios Divinos, aos quaes sinificaram o nojo, e enfadamento que recebiam em jazerem tão perlongadamente sobre aquella Cidade com algum desejo de se levantarem.

Mas os Sacerdotes por muitas causas danosas, e com vivas razões para esso os reprenderam, apontando-lhe o abatimento, e deshonra que fariam ás terras, e nações donde eram naturaes, e de que vieram para outro fim seguir tal empreza leixando-a quasi vencida, e com as maiores afrontas já passadas. Do qual movimento El-Rei, e assim os Portuguezes do arraial por meio de alguns seus, com que conversavam, foram logo avizados, e lhes pezou muito, mas a boa, e santa amoestação dos Sacerdotes fez nos Estrangeiros tão proveitoza empressão, que mui firmes na Fé, com que ali vieram por uma ordenança, primeiro bem consultada se armaram todos, e como foi manhã alegres, e mui esforçados se desposeram ao combate, que déram á Cidade mui afrontado, e com verdadeiro desejo de averem vitoria.

Porém depois daquella presumção que disseram, sempre nos Portuguezes houve bom avizo, para de contino trazerem ante elles pessoas fieis, que os entendiam, por receo, e sospeita que se delles tomou de alguns serem pelos Mouros corrutos, e que por soma de dinheiro, ou por alguma outra cousa de seu interesse dariam, ou leixariam tomar agoa que pela privação da couraça, estavam já em necessidade mortal, e estando o cerco neste estado, porque os Mouros eram mui falecidos de muitas cousas, que para defenção e mantimento eram mui necessarias, e assi deses-

perados de soccorro em todo, já cada um desejava, e procurava sua particular salvação, pelo qual um Mouro da Cidade escondidamente veio a El-Rei, e lhe trouxe furtados dous Pendoens de pessoas conhecidas, e principaes de dentro, pedindo com elles a vida, com que El Rei muito folgou, e houve logo por bom sinal, apóz este vieram outros dous Mouros, que El-Rei recebeo beninamente, os quaes certificaram a incomparavel sede, que os de dentro padeciam, e os muitos que por esso morriam, de que os Framengos principalmente mostraram ser muito alegres, e em sua lingoagem compunham cantigas, e as andavam cantando pelo arraial, cujo conselho era que leixassem a todolos Mouros morrer de sede ali dentro, e não fossem a partido de vida recebidos, em cazo que o cometessem, ou que logo, pois estavam em tanta desesperação, e fraqueza, os combatessem, e do combate não desistissem até que a Cidade fosse entrada, e cobrada por força.

E sendo já mez e meio passado, que El-Rei jasia sobre a Cidade de Silves, alguns principaes do Reino tambem se anojavam, e murmuravam antre si, agastados pelo delongado cerco, e assi por não verem aparelho, que uma Cidade tão forte, e tão bem murada se houvesse assi em breve de tomar por combate, desesperando por esso da esperança que tinham tão bem começada, concluindo alguns que seria bem, e proveito del-Rei, e do Reino leixar o cerco, e partir-se delle, da qual cousa de que os Framengos logo foram avizados por ventura com desejos de roubar, ou mais certo por tal Cidade não ficar em poder de infieis mostraram receber muito nojo, e grande sentimento com que se foram a El-Rei pedindo-lhe que se lembrasse de como os desviara do caminho, e preposito com que de suas terras partiram, e assi o con-

certo em que com elles ficara, e quizesse concirar no muito tempo que naquelle cerco estiveram, e o pouco que tinham feito, e que pois a empreza, e a honra eram ambas suas, que seria vergonha a tal Rei leixalas, mas que por combates mais aturados, em que elles inteiramente ajudariam cobrasse a Cidade, e sem esso não quizesse, nem consentisse, que della se partissem.

Aos quaes El-Rei brevemente respondeo dizendo: «Amigos vós deveis ser em craro conhecimento, que como eu parti de meu Reino, e leixei minhas terras para vir a terra de imigos em que estamos, vindo com tanta custa, e trabalho meu, e de meus vassallos, que não foi por vos enganar com minha perda, no concerto que comvosco fiz, o qual eu sou mui contente de se comprir, porque se este feito se não acabou como vós, e todos dezejamos Deos sabe que não é, nem foi nunca por minha culpa, nem dos meus naturaes, mas porque se mais não pode fazer, como creio, que por obras o tereis bem visto, porque nas cousas da guerra são uns os prepositos, e os fins delles são ás vezes outros, e por esso não vos anojeis, cá se me vós não fa ecerdes com as vossas pessoas, sede certos que eu vos não falecerei com a minha verdade, e assi por minha fé real vo-lo torno a prometer, e segurar.»

Com estas palavras de real segurança que os Cavalleiros principaes, e Sacerdotes da frota a El-Rei ouviram, ficaram mui ledos, e mui esforçados para logo combaterem, e cobrarem a Cidade mais do que nunca estiveram, louvando muito a bondade, e esforço, e constancia del-Rei, e por tanto entre elles foi logo concordado que no cerco estivessem até certo tempo limitado, e que nelle pozessem suas forças, e deligencia para se cobrar a Cidade, e que se acabado

o dito tempo se não cobrasse, ficasse em liberdade a uns, e a outros sem quebras de suas verdades, se podessem partir, e havido sobre esso geral Conselho, acordaram por menos custo do exercito, que os enfermos, molheres, e Religiosos fossem, como foram, logo levados com boa segurança fóra do arraial, e os Mouros quando os viram partir, porque faziam grande soma de gente cuidaram segundo depois affirmaram, que o arraial, e cerco se queria de todo alevantar, mas como o logo viram assentar, e fortalezar muito mais do que era, affirmaram que a partida de tantos Christãos não era para irem, como cuidavam, mas trazerem muito mais, e por seu maior mal jazerem muito mais tempo sobre elles, e neste tempo por as necessidades de muitas cousas, e dagoa principalmente eram os cercados em tanto extremo, que muitos com sede andando morriam, e a outros com temor da morte tão certa aborrecia já de viver, e tantos eram os corpos dos mortos, e a fraqueza tanta nos vivos, que os não podiam já soterrar, nem lançar fóra das casas, especialmente pelo incomportavel fedor delles, de que a Cidade era toda contaminada, e com estes grandes padecimentos, que os Mouros sofriam, receando que cada dia sem confiança de algum remedio, e soccorro que não tinham, receberiam outros maiores, desesperando de se mais poder ter, determinaram em tamanhos males, como se lhes offereciam, que eram morrer, e perder o que tinham, escolher o menor, que era perder as fazendas, e por melhor (se fosse possivel) segurarem as vidas aquelles a que a ventura quizera leixar vivos.

E por estas mortaes necessidades de que já todos eram sabedores, e constrangidos, saio o Alcaide acompanhado de dous Mouros os mais principaes da Cidade, e sem algum precedente trato, nem seguro se

vieram a El-Rei, dizendo com rostos tristes, e palavras para humanidade assás miseraveis, que vinham para lhe dar a Cidade se sua grandeza, e piedade aos de dentro désse as vidas, com todas as cousas suas que comsigo tinham.

El-Rei alegre com tal embaixada logo em sua vontade consentio no partido, mas comprio com os Estrangeiros o que por seus concertos era obrigado de não fazer sem elles alguma preitesia, nem concerto com os Mouros, os mandou chamar, os quaes depois de ouvirem por El-Rei a preposição e partido, que lhe era cometido, responderam com opiniões de barbara Fé, ou com tenção de pura cobiça, que não eram contentes, nem o aprovavam, mas sómente queriam prôpostos todos os inconvenientes, e perigos que podiam sobrevir, que os infieis todos morressem sem algum para cativeiro ficar reservado, mas El-Rei por sua umanidade vencido já da miseria dos Mouros, elle com suas palavras brandas tanto insistio com os Framengos, que finalmente consentiram que as vidas se dessem aos Mouros, e que elles de suas fazendas, e cousas não tirassem, nem levassem, salvo as mais vis roupas, em que saissem vestidos, e assi se fez, pelo qual os Estrangeiros da frota, das riquezas, e fazendas dos Mouros, que foram achadas tomaram, e levaram o que quizeram, com que alegres, e muito contentes del-Rei, e do feito tão prospero, se tornáram para suas terras, e a El-Rei ficou a Cidade de Silves livre, em que logo mandou fazer Egreja Catedral, e dedica-la ao culto Divino, que logo se nella celebrou, o que foi na era de N. Senhor de mil cento noventa e e nove annos (1199) um anno despois que a Rainha Dona Doce molher del-Rei D. Sancho faleceo.

CAPITULO XII

De uma entrada que um D. Pedro Fernandes de Castro dito o Castellão, sendo lançado com os Mouros fez em Portugal, e de como foi preso, e os Mouros com que entrou desbaratados.

NESTE anno em que a Cidade de Silves, foi aos Mouros tomada como se disse, reinava em Castella El-Rei D. Affonso deste nome o Noveno, e filho del-Rei D. Sancho, que disseram o desejado, o qual Rei D. Affonso por peccados seus, segundo diceram, e por má providencia, foi vencido dos Mouros na memorada, e dolorosa batalha Delharcos, no anno que já passára de N. Senhor de mil cento e noventa e cinco, (1195) sendo El-Rei delles Abualmohadim terceiro Miramolim de Marrocos; dahi a dezasete annos logo seguintes, o mesmo Rei D. Affonso tornou a vencer Abemmahomadmohady o quarto Miramolim, filho do sobredito Abualmohadim, na gloriosa batalha, que se diz das Navas de Toloza, como atraz já fica apontado, e do tempo desta batalha Delharcos em que os Mouros venceram até a outra das Navas de Toloza, que foram vencidos os Mouros assi Dafrica, como Despanha, em que tinham grande parte, eram na mesma Espanha, em grande numero, e favorecidos, e ouzados com o favor da primeira vitoria se soltaram com muita ouzadia pelas terras dos Christãos de que na Espanha ganharam muitas.

E neste anno em que a Cidade de Silves foi tomada aos Mouros com ajuda, e por industria de D. Pedro Fernandes de Castro chamado o Castellão vassallo del-Rei D. Affonso o Noveno de Castella, sendo elle des-

favorecido, e mal tratado por causa dos Condes de Lara, elle bem acompanhado de Cavalleiros Christãos se lançou com os Mouros, e com elles como imigos da Casa de Lara, donde Dona Mofaida primeira Rainha de Portugal procedia, entrou em Portugal antre Tejo, e Odiana, e chegou a Thomar e a Abrantes, de que tinha, e levava cativos muitos Christãos, com grande despojo, e fez muito mal pela terra, e ao recolher que quizera fazer, um Martim Lopes bom Cavalleiro Portuguez, com pouca gente de cavallo, e com alguma mais de pé, que comsigo ajuntou, lhe sahio ao encontro, e pelejou com alguns delles em que ia o dito D. Pedro Fernandes, e os desbaratou, e lhes tomou os Christãos cativos, e tirou todo o que mais levava, e prendeo o dito Pedro Fernandes, que depois delle livre, e enviado a Castella, foi retornado aos Mouros, sendo já em Castella cazado com Dona Maria Sanches, filha do Ifante D. Sancho, aquelle que do Ursò foi morto em Canameiro de que tinha filhos, a saber D. Alvaro Pires de Castro, que primeiro cazou com Dona Mecia Lopes, que depois foi molher del-Rei D. Sancho Capello, e Dona Olaia Pires que cazou com D. Martim Sanches filho del-Rei D. Sancho. E este desbarate foi no mez de Março, nas Oitavas de Penticoste do anno sobredito, 1199.

CAPITULO XIII

Das causas, e imisades antre os de Castro, e de Lara, por cuja causa este D. Pedro Fernandes de Castro entrou em Portugal em tempo del-Rei D. Sancho, que era neto do Conde D. Anrique de Lara, filho de Dona Mofalda, molher del-Rei D. Affonso Anriques, sua filha.

PARA se tomar algum conhecimento das causas da imizade que houve antre os de Castro, e de Lara dos Reinos de Castella, e de Lião, e por este respeito as teve D. Pedro com Portugal, e brevemente soube, que por morte del Rei D. Sancho deste nome o terceiro de Castella, a que disseram o desejado, ficou menino D. Affonso erdeiro, deste nome o Noveno, em idade de quatro annos, cuja guarda, e criação El-Rei seu padre leixou encomendada a Goterre Fernandes de Castro, Cavalleiro muito honrado, e principal em Castella, que era de grande bondade, e bom Cavalleiro, e de saber chão, e simples, no qual tempo Reinava no Reino de Lião, El-Rei D. Fernando, irmão do dito Rei D. Sancho, e tio deste menino Rei de Castella, o qual Rei D. Fernando por logo não ter resistencia, nem contradição dos Castelhanos, tomou a seu sobrinho muitos Lugares de Castella, e sobre esso alguns dizem que ou lhe queria tomar o Reino, e fazer-se Rei de Castella, ou ao menos o meter sob sua obediencia, e neste tempo eram em Castella Senhores mais principaes os Condes D. Manrique de Lara, e D. Affonso de Lara irmãos, filhos do Conde D. Pedro de Lara, e de Dona Heva filha do Conde D. Pedro Fernandes de Trava, os quaes Condes de Lara

com ajuda de D. Garcia Garcês seu padrasto, que depois cazou com a dita Dona Heva sua mãi delles, por que era Cavalleiro, de grande Caza, e de alto sangue, com rezões, que então pareciam convenientes, e com grandes promessas, que offereceram ao diio D. Goterre Fernandes fizeram que entregasse, como entregou El-Rei D. Affonso menino ao Conde D. Manrique de Lara, o qual com os de sua valia, trazendo El-Rei em seu poder se diz, que excediam, e não guardavam a governança do Reino como deviam, e crendo o dito D. Goterre, que fizera grande erro em tirar El-Rei de seu poder requereo aos Condes de Lara, que lho tornassem, o que não quizeram fazer, sobre o que antre elles, e suas valias ouve grandes pelejas, e muitas mortes, e danos em Castella, e de que ficou grande imizade antre os de Lara, e os de Castro com quanto eram muito parentes, e em tantos boliços, e movimentos, foi El-Rei por sua segurança levado pelos Condes de Lara, e D. Garcia Garcês á Cidade de Soria os quaes por terem El-Rei D. Affonso em seu poder, foram por El-Rei D. Fernando de Lião, tão perseguidos, que não podendo elles já mais resistir lhes conveio prometer-lhes por juramento, e menagem, para elle o ter e criar.

Sobre o qual comprimento, e entrega que se havia de fazer, El-Rei D. Fernando foi á dita Cidade de Soria onde logo ante elle foi trazido El-Rei D. Affonso, e porque nas mãos do tio, que o afagava começou o menino de chorar, o Conde D. Manrique que era presente por dar singular exemplo de sua bondade, e louvada lealdade pubricamente, e sem mostrança de algum temor, disse a El Rei D. Fernando.

«Senhor este menino nosso Senhor, deseja mamar, e não servir, e queria mais as tetas de sua ama, que os afagos do tio, e estaria milhor no seu berço, que

no Paço alheo, e quer mais leite, que sangue. O' Rei D. Fernando hoje parece, que quereis fazer, o que natureza não consente, cobiçais que este, que ainda não sabe falar, logo ante vós forme palavras de menagem, com que livre se obrigue, e desejais que vos sirva, quem ainda não começou de viver, e finalmente quereis, que vos seja vassallo, quem de rezão, e direito devia ser Senhor, e pois é isto por vossa vontade, e muito contra o que em todo deveis, sabei que obedecemos ao tempo, e não á rezão, e honestidade, mas porque este menino torne a vos ver mais alegre, e não chorando leixai-o com vosso prazer, e no lugar a elle conveniente vá receber criação de sua ama, e logo tornará».

Mas logo um bom Cavalleiro chamado Pedro Melcondes, por mandado dos Condes, e secretamente o tomou debaixo da capa, e em cima de um cavallo a gram pressa o levou a Santo Estevão de Gorivaz. Da qual couza sendo certo El-Rei D. Ferdando mostrou receber por esso grande sentimento, e foi em palavras, que disse mui irado contra os Condes, os quais por salvação de suas honras, e vidas affirmaram que a tal mudança del-Rei D. Affonso fora sem sua sabedoria, mas que logo iriam por elle, e lho apresentariam, e o Conde D. Nuno se foi logo diante, e tirou El-Rei de Santo Estevão, e o levou á Fortaleza da Tença cá bem lhe parecia, que não errava contra sua menagem, que déra forçada salvando seu Senhor em tal caso de morte, ou servidão, sobre o qual El-Rei D. Fernando mandou retoar, e dezafiar ao dito Conde D. Nuno por tredor, que sem retardança por sua limpeza veo ante elle, e posto seu caso em Conselho de juizo de Cavalleiros da Corte del-Rei D. Fernando acharam que não fizera feito feio, nem tinha errado, antes merecia por esso louvor, e bom galardão, e dahi se

volveo logo El-Rei D. Fernando a seu Reino de Lião.

E neste tempo o dito Goterre Fernandes, que primeiramente fora dado por amo del-Rei, por sua guarda era já falecido, de que ficaram muito honrados sobrinhos e grandes homens em Castella, a que leixou suas terras, e herança, que tinha, por não ter filhos, e antre estos sobrinhos, um era D. Fernão Rodrigues de Castro filho do Conde D. Rodrigo Fernandes, que disseram o Calvo, irmão do dito D. Goterre Fernandes, pelo qual os Condes de Lara tendo El-Rei em seu poder, pediram em seu nome a D. Fernão Rodrigues de Castro a Villa de Huete para El-Rei, e não lha quiz dar por El-Rei ainda não haver quinze annos de sua idade até os quaes El-Rei D. Sancho seu pai mandara que se lhe não entregassem Fortalezas, nem dessem menagens aquelles, que as tinham a El-Rei D. Sancho feitas, sobre a qual denegação o Conde D. Manrique dezafiou por desleal, a D. Fernão Rodrigues, e aceitou o dezafio, e com suas valias, que ambos ajuntaram, houveram crua peleja, na qual D. Fernão Rodrigue matou D. Manrique, e prendeo seu irmão o Conde D. Nuno de Lara, que despois disseram o bom, e a este D. Nuno soltou logo sobre sua fé, e menagem Fernão Rodrigues, para que tanto que enterrasse o corpo do Conde D. Manrique seu irmão, se tornar á sua prizão, na qual tornada D. Nuno uzou de cautella, porque por não acudir á fé, que déra, poz o Ataude, e o corpo do irmão sobre a mais alta torre de um seu Castello, e nella longo tempo sem sepultura o leixou estar, e passados despois alguns tempos, os ditos D. Fernão Rodrigues, e o Conde D. Nuno houveram outra batalha aprazada, em que de uma parte, e da outra, eram grandes homens de Castella, e de Lião, e nesta tambem D. Fernão Rodrigues tornou a prender

o Conde D. Nuno, e matou ao Conde D. Soeiro, seu sogro delle dito Fernão Rodrigues, porque fora em ajuda do dito D. Nuno, e tornou a soltar D. Nuno sobre sua fé, para que tanto, que enterrasse D. Soeiro seu sogro, se tornasse á prizão, mas o Conde D. Nuno uzando tambem de cautella, para não ser prezo, ao dia certo em que era obrigado vir, veo, e apresentou-se com muita gente darmas a D. Fernão Rodrigues, que estava desacompanhado em Duenhas apar de Palencia, e lhe requereo, que pois se apresentava ante elle, como prometera, que o prendesse, e quando não, que protestava, que tinha comprido sua fé, e disto o Conde D. Nuno tomou estromentos com que se partio, e D. Fernão Rodrigues, porque D. Soeiro seu sogro fora nesta batalha contra elle, se quitou de sua filha, com que era cazado, e cazou com Dona Estevaninha, filha bastarda do Emperador Despanha D. Affonso, de que houve este D. Pedro Fernandes de Castro, que entrou em Portugal, ao qual disseram o Castellão.

El-Rei D. Affonso de Castella, despois de reger por si seu Reino, a requerimento, e por favor dos de Lara a que era muito afeiçoado, tomou a terra a D. Fernão Rodrigues de Castro, e o desterrou, e elle se foi para os Mouros, e despois pelos grandes danos, e muitos males que por seu desterro se seguiram a Castella, foi por aderencias retornado ao Reino, e reconciliado com El-Rei, e despois da morte de D. Fernão Rodrigues de Castro, ficou seu filho, e herdeiro de sua caza e terras, este D. Pedro Fernandes de Castro, a que El-Rei D. Affonso de Castella quiz grande mal, pelo qual se desterrou, e lançou com Miramolim de Marrocos, e foi com elle na batalha Delharcos, em que este Rei D. Affonso foi vencido, e depois com sua gente entrou em Portugal como atraz fica dito. E com es-

te D. Pedro Fernandes passáram de Sevilha, que era de Mouros, em Marrocos os cinco Frades martirizados, o qual sendo em serviço, e companhia do Ifante D. Pedro filho deste Rei D. Sancho, que tambem estava em Marrocos, e o dia do Martyrio dos ditos Frades, foi morto dos Mouros porque o acháram de noite vizitar os corpos mortos dos ditos Martyres, e com elle mataram alli tambem Martim Affonso Tello, sobrinho do Ifante D. Pedro, filho de sua irmã D. Thareja Sanches, cazada com Affonso Telles o Velho, que povorou Albuquerque.

CAPITULO XIV

Como El-Rei Jacobaboym Çafim Miramolim de Marrocos com grande poder de gente de Reis Mouros entrou em Portugal.

ATRAZ fica já apontado como em vida del-Rei D. Affonso Anriques, um Miramolim de Marrocos com outros Reis, e grande poder de Mouros, cercaram na Villa de Santarem El-Rei D. Sancho seu filho, sendo Ifante, e como elle com ajuda, e socorro, e favor del-Rei seu padre, se descercou com grande estrago dos infieis com a morte do mesmo Miramolim, e havendo já dezaseis annos, que este destroço de Santarem passára, sendo o anno de N. Senhor de mil cento e nóventa e nove, (1199) um Jacobaboym Çafim Miramolim de Marrocos, Rei mui poderoso, que descendia daquelle que mataram no descerco de Santarem, por vingar sua morte, e porque a entrada que D. Pedro Fernandes fizera em Portugal não succedera na vingança como quizera, ajuntou lo-

go a seu poder outros Reis Mouros Dafrica com infindas gentes de desvairadas nações, e assi da Despanha, que vieram em sua companhia, e ainda El-Rei de Sevilha, que era seu irmão, e El-Rei de Cordova com todos seus poderes, e valias, que faziam numero de imigos sem conto, e acordaram entrar no Reino de Portugal, por tres partes, a saber, El-Rei de Sevilha entrou pelo Algarve, onde despois de correr a terra, poz cerco á Cidade de Silves, que então fôra aos Mouros tomada, como acima é dito, El-Rei de Marrocos entrou por Ribá Dodiana, e passou o Tejo pelo mez de S. João deste anno (1199) e despois de fazer muitos danos, e roubos pelo Reino, foi cercar o Castello da Villa de Torres Novas, que já estava feito, e repairado da primeira vez que foi tomado, e leixado dos Mouros, o qual Castello aquelles que o guardavam com medo das cruezas de que os imigos usavam lho entregaram com segurança das vidas, que por partido sómente salvaram.

El-Rei de Cordova entrou tambem por Alentejo, e chegou á Cidade de Evora, a que talhou vinhas, e olivaes, e arvores, e assi danou, e queimou os pães que achou nos agros, que ainda não eram neste tempo recolhidos, o qual dano assi continuou em todos os Lugares porque passou, e fazendo todos estes males em todalas cousas dos Christãos que se lhe offereciam, e elle podia, se foi ajuntar com El-Rei de Marrocos, que tinha assentado o corpo de seu arraial junto do Tejo, e estando em Torres Novas adoeceo de grande mal do ventre porque trigosamente se logo partio, e fez seu caminho por as Villas de Thomar, e Dabrantes, com proposito de as tomar, mas por bem defendidas dos Christãos as não tomou, e apressado de sua doença, elle, e El-Rei de Cordova leixáram a empreza, e se tornáram para Sevilha, e esta deve ser a gran-

de entrada de gente de cavallo, e de pé dos Mouros sem conto, de que o letreiro de pedra que está na porta do Convento de Thomar faz memoria. E desta partida de Miramolim, sendo certificado El Rei de Sevilha seu irmão que guerreava o Algarve, e tinha cercado a Cidade de Silves, e sabendo as grandes perdas, e mortes, que em suas gentes tinham no Reino de Portugal recebidas, se alevantou do cerco, e se foi para elles, e não se acha que á Cidade durando o cerco fizesse muito dano, mas que elle em si, e nos seus o recebeo dos Cavalleiros, e fieis Christãos, porque a mesma Cidade foi despois cercada, e tomada dos Mouros em tempo del-Rei D. Affonso, filho deste Rei D. Sancho, quando Alcacere do Sal foi tambem delles tomado, mas como estes Lugares se despois cobraram dos imigos, e em que tempo, ao diante nas Chronicas dos Reis a que tocar inteiramente se dirá.

El-Rei D. Sancho porque tantos, e tão grandes Reis Mouros fizeram suas entradas por tantas partes de seu Reino, foi neste tempo posto em grande cuidado, e afrónta, mas com seu coração esforçado, e não vencido, e com a muita prudencia, que com elle naceo, concirando que dar batalha com sua gente a tantos Reis, não seria em tal tempo feito de louvada fortaleza, antes parecia caso de desesperação, que as mais das vezes é perigoza, veio a Santarem, e a Lisboa onde repartia as gentes, e armas, e soccorria os Lugares a que entendia serem mais necessarios, e punha esperança de seu remedio, e soccorro na bondade de Deos, e sua misericordia principalmente, e assi na dilação do tempo, que lançaria como lançou aos Mouros fóra de sua terra, e neste tempo faleceo El-Rei D. Fernando de Lião, genro del-Rei D. Affonso Anriques cazado com Dona Urraca, sua filha, de que se apartou, e de que houve seu filho D. Affonso, que apoz elle Rei-

nou em Lião, com o qual este Rei D. Sancho seu tio cazou sua filha Dona Tareja, como logo direi, e esta Dona Urraca jaz sepultada na Egreja maior de Lião.

CAPITULO XV

Do cazamento del-Rei D. Sancho, e dos filhos, e filhas que teve assi legitimos como bastardos.

Como quer que á conta do cazamento del-Rei D. Sancho com a Rainha Dona Doce sua molher devera preceder muitas cousas que atraz escrevi, porém por continuar logo ao cazamento do pai, e da mãi a memoria de seus filhos, e filhas, e por assi juntamente milhor se poder comprender o leixei para este Capitulo, em que direi o que de cada um achei, e pude saber.

El-Rei D. Sancho sendo Ifante em vida del-Rei D. Affonso seu Padre, e ante de sua morte quatro annos, cazou com a Rainha Dona Doce, filha de D. Reymão Berengario Conde de Barcelona, e o primeiro a que o Reino de Aragão com o dito Condado primeiramente se ajuntou, o que foi nesta maneira. El-Rei D. Affonso deste nome o primeiro, e dos Reis Daragão o quarto, filho del-Rei D. Sancho deste nome o primeiro, e dos Reis Daragão o oitavo, foi levantado por Rei Daragão por morte del-Rei D. Pedro seu irmão que faleceo sem legitimo erdeiro, e este D. Affonso, é o que cazou com a Rainha D. Urraca viuva, filha legitima del-Rei D. Affonso VI de Castella, chamado Emperador, a qual fora primeiramente cazada com D. Reymão Conde de Tolosa de que ouve filho legitimo D. Affonso, criado em Lião, que despois foi oi-

tavo Rei D. Affonso, e Emperador Despanha, aquelle, que fez a segunda repartição antre os filhos do Reino de Castella, e de Lião, e desta Dona Urraca filha, nem doutra molher legitima, este Rei D. Affonso Daragão, e setimo Rei D. Affonso de Castella não houve filho, nem filha, nem havia outro algum legitimo erdeiro Daragão salvo D. Ramilo seu irmão legitimo, que era de Ordens de Missa, e Monge professo no Moesteiro de S. Fagundo da Ordem de S· Bento, o qual D. Ramilo Monge por despensação, e por authoridade Apostolica por necessidade de Rei legitimo, e de natural sobcessor, sobre que houve dantes grandes differenças, e algumas inclinações, finalmente foi tirado da Religião, e cazado com uma irmã do Conde de Protes em França, e della houve logo uma filha chamada logo Dona Perona, e despois mudou o nome, e chamou se Dona Urraca, a qual em vida del-Rei D. Ramilo seu pai foi cazada com o dito D. Reymão Berengario, izento Conde de Barcelona, que por morte del-Rei D. Ramilo seu sogro, deste nome o primeiro, Rei Daragão o setimo, e desta Dona Urraca como El Rei D. Reymão houve filhos, logo El-Rei D. Ramilo Monge se tornou ao Moesteiro, e leixou o Reino Daragão a seu genro, o qual houve da Rainha Dona Urraca estes filhos, a saber, D. Affonso segundo deste nome, que apoz elle Reinou em Aragão, e Barcelona, e D. Sancho que foi Conde de Rosselhon, e Serdenha, e assi esta Rainha D. Doce, que cazou com El-Rei D. Sancho, de Portugal, e desta Rainha elle houve nove filhos, e filhas legitimos, e á hora de sua morte eram todos vivos, e aos filhos barões, e ao erdeiro tambem sendo cazado chamou em seu testamento Ifantes, e assi a todalas filhas legitimas chamou Rainhas, em cazo que em tão o não eram, nem fossem despois, dos quaes logo aqui farei breve memo-

ria, posto que alguns feitos, e cousas que delles disse, socedessem em outros tempos, e em vidas doutros Reis, o que tambem não ficará por tocar.

Do Ifante D. Affonso filho herdeiro

El-Rei D. Sancho dos filhos barões que teve, ouve primeiramente D. Affonso primogenito, e erdeiro que logo apoz elle succedeo, e Reinou, o qual naceo dia de S. Jorge, vinte e dous dias Dabril do anno de N. Senhor de mli cento oitenta e cinco (1185) de cujos feitos, e vida ao diante em sua Coronica propria darei larga conta.

Do Ifante D. Fernando

E assi ouve o Ifante D. Fernando, que naceo na era de N. Senhor de mil e cento e oitenta e seis annos, ao qual El-Rei D. Sancho seu pai leixou em seu testamento solene que fez, dez mil maravedis douro de sessenta maravedis em marco douro, o qual por a real geração de que decendia, e assi por suas singulares virtudes segundo o que brevemente se acha, foi cazado com uma Condeça de Frandes, e foi em tempo del-Rei D. Philão de França, o que diceram Augusto avô del-Rei D. Luis de França, contra quem este Conde D. Fernando, sendo então debaixo de sua obediencia se alevantou, e sendo aliado com outro Emperador dos Alemães, e assi com El-Rei D. João de Inglaterra, e com outros senhores daquellas partes lhe fez a guerra segundo as Coronicas de França o testimunham, foi estimado, por estimado Cavalleiro, e singular Capitão, e a causa de sua

ida em França, e em Frandes, segundo o mais que se pode saber, foram respeitos, e esperanças da Condeça de Frandes D. Tareja sua tia, irmã del Rei D. Sancho seu pai, filha del-Rei D. Affonso Anriques, cazada com D. Felippe Conde de Frandes, de que não ficou filho barão erdeiro, e vagando o Condado, ficou para sobcessão delle femea, que com D. Fernando este acima dito cazou, e acha-se que em uma batalha, que com os seus aliados ouve contra o dito Rei de França, el. le dito Conde foi prezo com Reinaldo Conde de Bolonha, e com outros Condes, e muito nobres homens de Inglaterra, e Dalemanha, e jouve tres annos prezo em a torre fóra dos muros de Pariz, que se diz Anobres, ou Lupara, e a cauza que o moveo a ser contra El-Rei de França, foi por lhe não dar duas Villas, a saber, Arua, e Santo Andomato, que eram do Condado de Frandes, e El-Rei lhas tinha forçadas, e depois este Conde a requerimento da Condeça sua molher por intercessão da Rainha Dona Branca de França sua tia, que cazou com El-Rei D. Luis, filho deste Rei D. Felippe, foi solto por grande soma douro, e de prata, que por si, e alguns seus deu, o qual despois de ser solto, por boliços, e outros movimentos, que contra El-Rei de França outra vez commetteo foi morto, e não se sabe geração que delle ficasse.

Do Ifante D. Pedro

El-Rei D. Sancho ouve mais da Rainha sua molher o Ifante D. Pedro, que segundo algumas breves lembranças das cousas de Portugal, naceo a vinte e nove dias de Março da era de N. Senhor de mil cento e oitenta e sete annos (1187) ao qual El-Rei seu pai leixou tambem em seu testamento outros dez mil ma-

ravedis douro, o qual foi cazado com uma filha do Conde de Urgel em Barcelona, de que não ficou geração, que agora se saiba, e conquistou sendo cazado as Ilhas de Malhorca, e Minorca, que eram de Mouros, que despois por Christãos lhe foram contra rezão tomadas, pelo qual alguns dizem, que por aggravos, e sem rezões, e poucas ajudas, que sobre esso recebeo dos Reis Despanha, com que por devidos era liado tendo nada de terras em Portugal, se foi para Mahomad Miramolim, que então era Rei de Marrocos, aquelle que junto com Uveda foi vencido na brtalha das Navas de Toloza, que era filho doutro Miramolim, que venceo a batalha Delharcos, como já dice, e outros dizem, o que mais é de crer que se foi com desejos de ver terras diversas, e a tentar sua ventura, e ver aquellas principalmente em que compria milhor se enformar das cousas, que compriam para guerra dos Mouros Despanha, e de França, que daquelles tempos de uma parte, e da outra muito se exercitavam.

Pelo qual nas guerras, e deferenças, que este Miramolim tinha com os Reis Mouros seus vezinhos, despois de ser retornado em suas terras de França este Ifante D. Pedro com muita, e nobre gente Despanha, que com elle passou trabalhou assi bem, e com tantos perigos de sua pessoa, e com tantas experiencias de sua bondade, que de Miramolim, e de todalas gentes de seu senhorio foi sempre mui estimado, e honrado, donde passados alguns annos elle por uma permissão de Deos havendo idade de trinta annos retornou a este Reino de Portugal, despois da morte del-Rei D. Sancho seu padre, e em vida del-Rei D. Affonso seu irmão, que Reinava com a Rainha Dona Urraca sua molher quando trouxe os ossos dos cinco Frades Menores, que em seu tempo, e caza, em sua presença

foram do mesmo Miramolim em Marrocos Martirizados, de que na Coronica do dito Rei D. Affonso seu irmão, em que propriamente convem, farei ao diante mais larga menção.

Do Ifante D. Anrique

E assi houve o dito Rei D. Sancho da Rainha sua molher o Ifante D. Anrique, que naceo no anno de Nosso Senhor de mil cento e oitenta e nove (1189) o qual moço, e sem cazar em vida del-Rei seu padre faleceo, e jaz em Santa Cruz de Coimbra.

Da Rainha D. Thareja filha deste Rei D. Sancho

E houve mais este Rei D. Sancho da Rainha Dona Doce sua molher a Rainha Dona Thareja, que em vida del-Rei seu padre cazou com El-Rei D Affonso de Lião, e foi delle pela Egreja apartada por ambos serem primos com irmãos, porqne a Rainha D. Urraca mãi del-Rei D. Affonso era irmã del Rei D. Sancho, filhos del-Rei D. Affonso Anriques, e a cauza porque este cazamento então se fez, e despois se desfez, tocarei aqui brevemente.

Os Reis de Portugal, e de Lião nos tempos que com seus Reinos, e terras, foram apartados, e izentos del-Rei, e do Reino de Castella, sempre procuraram de uns com os outros se liar, e confederar por pazes, e cazamentos, por tal que ambos juntamente concordes tivessem mais forças, e maior poder contra El-Rei de Castella, porque os não obrigasse, nem constrangesse, como já por força, e em outros tempos, constrangera El-Rei de Navarra, e El-Rei Daragão, que nas cousas

da guerra, e da paz, como Vassallos o serviram, e lhe obedeceram, porque na segunda partição de Castella, e de Lião, que o dito Rei D. Affonso VIII e Emperador fez antre dous seus filhos, que teve, e leixou o Reino de Castella a D. Sancho filho maior, e o Reino de Lião, e de Galiza, com o que fora por Castella ganhado em Portugal, e segundo opinião de muitos, esto fez El-Rei de Castella D. Affonso por concelho de D. Manrique, e de D. Nuno seu irmão, Condes de Lara, que por serem pessoas muito principaes tinham muita parte em seu Concelho, e governação do Reino, porque segundo se diz, desejavam para mais seu acrescentamento que nos Reinos houvese sempre necessidades de guerras, e nenhum descanço de paz, na qual partição El-Rei D. Affonso Anriques, que então era, e foi o primeiro Rei de Portugal, por roturas, e guerras antre ambos já passadas, e porque elle o vencera, e ferira na batalhha de Valdevez em Portugal, não ficou de seu Reino tão seguro, que não receasse os cercos, e cometimentos da guerra em que se já vira em Guimarães, e de que com sua honra, e vitoria, se livrou, e muito menos esperou segurança, e perpetuidade de seu Reino, El-Rei D. Fernando de Lião, despois da sobecessão del Rei D. Sancho seu irmão, que era filho maior do Emperador, que por ventura querendo anular tal repartição em cazo, que seu pai a fizesse, queria contra elle uzar, assi como outro Rei D. Sancho segundo fizera na outra repartição primeira dos Reinos de Castella, e de Lião, e de Portugal, e Galiza, contra seus irmãos os Reis D. Affonsa, e D. Garcia de que os quizera privar, e os prendeo, por ser filho maior, posto que El-Rei D. Fernando seu pai á ora de sua morte, antre elles todos tres, os ditos Reinos partira, e para começo desta prova, logo que o dito Rei D. Fernando de Lião vio que El-Rei

D. Sancho seu irmão Reinou por ser mais poderoso, logo entrou no Reino de Lião a entender em aggravos de que alguns Cavalleiros se queixavam, e comoveo a El-Rei D. Fernando a fazer em Lião todo o que El-Rei D. Sancho seu irmão quiz, e lhe mandou ainda que fosse, como foi contra sua vontade, pela qual El Rei D. Affonso Anriques sobre esto, e com este fundamento de se liarem, cazou logo sua filha Dona Urraca, com este Rei D. Fernando de Lião, que eram primos com irmãos, e della houve o Ifante D. Affonso, que despois delle reinou em Lião, e quitou-se della por achaque de parentesco, com que livremente se despençaram, mas o dito Rei D. Fernando o não quiz fazer, nem procurar a dita dispensação, que poderam bem haver, porque despois da morte del-Rei D. Sancho seu irmão elle perdeo todo o receo, e temor que delle tinha, que El-Rei D. Affonso de Castella o Noveno deste nome de que atraz já disse, filho, e sobcessor del-Rei D. Sancho ficou muito menino, e case delle dito Rei D. Fernando em poder, cujo dezejo parece, que foi fazer-se Rei dambos os Reinos, se Deos, e a lealdade de vassallos Castelhanos lhe não resistiram, como atraz esto já fica mais declarado.

E sobre este apartamento da Rainha D. Urraca El-Rei D. Affonso Anriques por vingança, e El-Rei D. Fernando por sua defeza tiveram continuas guerras, e houve antre elles grandes odios, o que foi no tempo que o dito Rei D. Affonso quebrou a perna no ferrolho das portas de Badalhouse, como em sua Coronica milhor se declara, e assi despois por este respeito de liança, e concordia El-Rei D. Sancho de Portugal sem devida despensação cazou esta Rainha Dona Thareja sua filha com El-Rei D. Affonso de Lião, primo com irmão della e seu sobrinho, filho de sua irmã Dona Urraca, e do dito Rei D. Fernando de Lião, e tambem a

esse tempo se ouve por mui necessario fazer-se este cazamento, para com elle, como bom meo de paz ferrarem guerras, e diferenças, que antre elles Reis de Portugal, e de Lião então se aparelhavam, e porém segundo se acha por escrito, tanto que ambos foram cazados, que foi no mez de Fevereiro, logo em Portugal, e Castella por qualquer cazo, que de adversa influencia do Ceo, ou por outros misterios, e peccados da terra, sobrevieram grandes, e tão preseveradas invernadas, e chuvas que duraram sem cessar até o Junho seguinte, com que se danaram, e perderam muitas novidades de pão, vinho, e azeite, e fruitas, e algumas, que ficaram sobreveo tamanha praga, e multidão de vermes, que até á terra todas as comeram, e veio-se tão grande Estio, e secura por quenturas do Sol que durou até meados de Janeiro do anno que vinha, e cessando o Estio, sobrevieram grandes pestilencias, e outras dores espantozas, e de mortal perigo, especialmente em terra de Santa Maria, Bispado do Porto, onde a peste foi tão crua, e danosa, que em grandes povoações, e Lugares de muitas pessoas escassamente ficaram tres vivos.

E na terra de Braga particularmente se acha, que nos homens, e molheres intrinsecos males, e de tanto, e tão raivozo ardor, que lhes parecia que ardiam, e comiam em si mesmos, e assi com taes padecimentos sem aproveitar cura, nem remedio algum piedosamente morriam, e porque das mortaes preseguições, que á terra podiam vir, alguma não ficasse por passar, ouve neste tempo em Portugal durando este cazamento tanto falecimento de mantimentos, que muitas gentes morriam de fome, e por susterem as vidas por alguma maneira, comiam como bestas os gomos das vinhas, nem leixavam as ervas verdes dos campos, e no mesmo tempo, porque os homens não gouvessem dalgum

bem da paz veo que por derradeira perseguicão, um Jacob Mouro poderoso Rei de Sevilha, sabendo destas mingoas, e necessidades do Reino de Portugal, para mais facilmente o conquerir, e guerrear, elle com muita gente de pé, e de cavallo por terra, a com asás frota por mar, no mez de Maio entrou em Portugal, e veio logo poer cerco sobre a Villa de Alcacere do Sal, que El-Rei D. Affonso Anriques primeiramente tomou aos Mouros, e assi a combateo logo com engenhos darmas de noite e de dia, qne aos tres dias de Junho seguinte, com asás dano dos da Villa a tomou.

Pelo qual os Christãos que viviam nos Castellos Dalmada, e de Cezimbra, e Palmella, que tambem não havia muito tempo, que o dito Rei D. Affonso tomára aos infieis, sabendo que Alcacere do Sal, Villa tão forte fora assi, sem resistencia, nem soccorro tomada, desesperados de se poderem nelles defender, os leixaram vazios, e se acolheram a outros Lugares dos Christãos em que esperavam ter menos segurança. Sabendo esto o dito Rei Mouro, veio logo aos ditos Castellos, e até o chão os derribou, e destroio, e despois de leixar Alcacere bem fortalezado, foi logo com seu poder cercar a Cidade de Silves, que El-Rei D. Sancho havia pouco tempo que lha tinha tomada, como atraz é declarado, e com ingenhos de combates continos assi afrontou a Cidade, que os Christãos que a defendiam despois dalguns dias passados em que não esperavam soccorro, deram por partido a Cidade aos Mouros, com segurança das vidas, e fazendas, que salvaram.

A' qual necessidade El-Rei D. Sancho não pode então soccorrer assi como fora rezão, e elle dezejava por mingoas, e necessidades dos Reinos, e assi por outras em que contra El-Rei de Lião andava revolto, e ocu-

pado, e neste tempo os Mouros da Cidade de Silves no Algarve, até que Reinou D. Affonso Conde de Bolonha, neto del-Rei D. Sancho, porque no tempo deste se tornou outra vez a cobrar com todo o Algarve, como em sua Coronica ao diante se dirá. E porém desta entrada, e guerra que este Mouro assi fez, recebeo Portugal grandes danos, que os infieis levaram delle grandes roubos, e muitos Christãos cativos de que muitos passaram alem mar, mas El-Rei D. Sancho para algum repairo, e descanço destes males passados, e porque já as gentes de seu Reino estavam por estas guerras, e necessidades mui trabalhados, tratou tregoas por cinco annos com o dito Rei Mouro, as quais foram por sua parte firmar, um Pedro Affonso, e Gil Gonçalves, seus vassallos, e pessoas em que tinha confiança.

Das quaes tribulações, e grandes males, que Espanha, e Portugal assi padeciam, sendo informado Celestino III que a este tempo era Papa em Roma, cuidando que poderiam ser por maldição de Deos, e por pendença da culpa, erros, e peccados em que os Reis estavam, por este cazamento, por ser feito antre tão conjuntos parentes, sem dispensação, e contra o preceito da Egreja para o desfazer, enviou de Roma por Legado a Espanha, e a Portugal principalmente, D. Guilherme Diacono Cardeal do titulo de Santan Gelo, o qual com Arcebispos, Priores, e Abbades Bentos do Reino de Portugal e de Lião, que mandou ajuntar, fez Concilio em Salamanca onde foi acordado divorcio, e apartamento dos ditos Reis D. Affonso, e a Rainha Dona Thareja, nem quizeram dispensar sobre o cazamento antre elles já feito, e porque El-Rei e a Rainha não obedeceram, nem quizeram logo apartar, puzeram mui estreito antredito em ambos os Reinos, por rigor do qual as gentes neste tempo não entra-

vam nas Egrejas, nem se diziam nellas Missas, nem Officios Divinos, nem davam sepulturas aos corpos mortos em lugares Sagrados, o qual antredito durou um anno, e um mez, e tres dias.

No cabo do qual tempo o dito Rei, e Rainha obedeceram á Santa Sé Apostolica e se apartaram, o que foi na era de Nosso Senhor de mil duzentos e sete annos, (1207) e este dito Rei D. Affonso de Lião, tambem sem dispensação tornou a cazar com a Rainha Dona Beringela, filha del-Rei D. Affonso Noveno de Castella, e despois de haverem filhos dantre ambos tambem della se quitou, e della o dito Rei D. Affonso de Lião houve El-Rei D. Fernando seu filho, em que os Reinos de Castella, e de Lião, se tornaram a juntar, e este foi o que ganhou Cordova, e Sevilha dos Mouros, e porém El-Rei D. Affonso de Lião, e a Rainha Dona Thareja, que primeiro cazaram; já tambem tinham dantre ambos tres filhos, a saber, o Ifante D. Fernando, que faleceo moço sem filhos, a que este Rei D. Sancho seu avô leixou em seu testamento dez mil maravedis douro, dos quaes maravedis douro sessenta faziam um marco, e eram de preço de como agora neste tempo são os cruzados douro, e assi tinham a Ifante Dona Doce, que El-Rei D. Sancho criou em Portugal, e em sua caza, e a que leixou em seu testamento outros dez mil maravedis douro, e cento e cincoenta marcos de prata, e assi tinha a Ifante Dona Sancha, que se criou em Castella, a que tambem leixou El-Rei D. Sancho outros dez mil maravedis douro, e esta é a que cazou com El-Rei D. Anrique de Castella despois que foi quite da Rainha Dona Mofalda, filha deste Rei D. Sancho de Portugal, de que logo se dirá.

As quaes Ifantes se dizem *de Castro torrafe*. Despois da morte del-Rei D. Affonso de Lião seu padre,

porque as leixou herdeiras do Reino em seu testamento, e assi por concelho da Rainha Dona Thareja sua madre se alevantaram com o Reino de Lião, contra El Rei D. Fernando seu Irmão, filho da Rainha Dona Biringela, e em fim em Valença do Minho, onde a dita Rainha Dona Biringela veo, elles todos foram concordados nesta maneira, a saber, que ellas Ifantes filhas da Rainha Dona Thareja leixassem os Castellos de Lião, e houvessem para seu soportamento por as rendas doutros Lugares logo assinados cincoenta mil dobras douro cada anno, e sobre este concerto, se foram ver com El-Rei D. Fernando em Benavente, donde partiram amigos em paz.

E a Rainha Dona Thareja despois de passados alguns dias se veo para Portugal, a que El-Rei D. Sancho seu Padre leixou no dito testamento para soportamento de sua vida, a Villa de Monte mór o Velho, e o Lugar Desgueira, e mais outros dez mil maravedis douro, e cento e cincoenta marcos de prata, e esta Rainha reformou de novo ao Moesteiro de Lorvão da Ordem de S. Bernardo, a tres legoas da Cidade de Coimbra, e o dotou de muitas rendas, e foi Senhora delle, e nelle jás sepultada, e leixou-lhe para sempre o dito Lugar Desgueira, que o dito Moesteiro agora tem. (1)

Da Rainha Dona Mofalda, filha del-Rei D. Sancho

E assi houve El-Rei D. Sancho da Rainha Dona Doce sua molher a Ifante Dona Mofalda, que em per-

---

1 E' Santa, e della reza a Igreja, e faz festa a 17 de Junho por Decreto do Papa Clemente XI.

feições, e bondades do corpo, e dalma, foi Princeza mui acabada, a qual foi cazada com El-Rei D. Anrique deste nome o primeiro Rei de Castella, filho e herdeiro do sobredito Rei D. Affonso o noveno; eram parentes dentro no quarto grac, e cazaram sem dispensação, e principalmente sem consentimento, e contra vontade da Rainha Dona Biringela sua irmã, foram pelo Papa Innoceucio III apartados, o que para declaração doutras cousas, que podem obcorrer foi brevemente nesta maneira.

Por falecimento do sobredito Rei D. Affonso noveno de Castella, ficou por seu herdeiro em mui piquena idade D. Anrique seu filho, deste nome o primeiro de Castella, filho da Rainha Dona Leonor, filha del-Rei D. Anrique de Inglaterra, á qual despois da morte del-Rei seu marido, ficou o regimento, e governança dos Reinos de Castella, e assi a criação del-Rei seu filho, até elle ser em idade para por si poder reger, e porque esta Rainha Dona Leonor, logo a poz seu marido faleceo, ficou por sua morte, encomendado todo seu cargo á Rainha D. Biringela, irmã do dito Rei D. Anrique, e Rainha, que fôra de Lião, e estava em Castella por ser a esse tempo, por authoridade, e mandamento da Egreja apartada del-Rei D. Affonso de Lião, seu marido, e primo com irmão, como atraz já toquei, a qual em bondades, virtudes, e grandes prudencias, foi Princeza singular, e porque naquelle tempo os Condes de Lara, a saber D. Fernando, e D. Alvaro, e D. Gonçalo, filhos do Conde D. Nuno de Lara o bom, de que atraz já falei, eram pessoas mais principais do Reino, elles para que com mais licença, e amor poderem usar de suas vontades, e cobiça trabalharam de tirar El-Rei D. Anrique do poder desta Rainha sua irmã, para que lhes fosse entregue, a qual por escuzar boliços do Reino, que se

aparelhavam, com precedente conselho primeiramente, e com consentimento dos Estados do Reino, e em Cortes aprazadas, e com juramentos, e menagens solenes houve por bem de entregar, e entregou El-Rei seu irmão ao Conde D. Alvaro de Lara, que logo quebrou, e não guardou as lemitações, e condições com que prometeo de reger, e governar por El-Rei, fazendo em sua governança couzas assi feas, e graves, que eram contrairas a toda justiça, e onestidade, e pareciam proceder de cobiça, e tirania, ou de pura vingança, de que por odio, não quiz isentar a mesma Rainha Dona Biringela, a que sem algum resguardo de sua dignidade, e grandes merecimentos, quizera tambem tirar muitas cousas, que da Coroa de Castella direitamente tinha, e porque sentio, que assi a Rainha, como outros grandes Senhores de Castella lhe queriam tirar El-Rei D. Anrique, e a governança de seu Reino, e via que o mesmo Rei assi o dezejava, por assegurar principalmente a vontade del-Rei em que a maior força da contradição, e concordia de suas cousas estava, e para ter maiores, e mais ajudas, para a força que queria fazer, sabendo que a Ifante Dona Mofalda filha del-Rei D. Sancho de Portugal estava por cazar, e era Senhora em que havia respeitos, e grandes prefeições para se della terem muitos contentamentos, o Conde D. Alvaro de Lara leixou El-Rei D. Anrique na Cidade de Palença, que é de Castella, e se veo a Portugal, e com tanta eficacia, e com taes resões, e fundamentos tratou este casamento com El-Rei D. Sancho, que sem mais dilação, houve por bem logo lhe entregar sua filha, que com aquella honra, e companhia, que merecia, logo o dito Conde a levou a Palença á vista del-Rei D. Anrique, e dahi logo a Medina del Campo onde casaram, e fizeram suas vodas, com festas pubiicas, e honradas.

E deste cazamento pezou muito á Rainha Dona Biringela, que com palavras a seu descontentamento conformes, e principalmente por cazarem em peccado, e sem dispensação, o mandou muito estranhar ao Conde, o qual sobre esso respondeo á Rainha, por ventura mais aspero do que devera, e ella merecia, e quizera, pelo qual a Rainha, logo sopricou ao Papa Innocencio III sobre esto pedindo-lhe que os apartasse, o qual cometeo a cauza a D. Tello Bispo de Palença, e a D. Moninho Bispo de Burgos, os quaes juntos, e ouvidas sobre esso as partes, e sabida a verdade do feito, julgaram o apartamento antre El-Rei e a Rainha, e com apremadas censuras, e antreditos, que nos Reinos pozeram, foram ambos apartados, e a Rainha Dona Mofalda se tornou a Portugal para El-Rei D. Sancho seu padre, e El-Rei D. Anrique, foi logo concertado de cazar, e cazou com a sobredita Dona Sancha, filha del-Rei D. Affonso de Lião, e da Rainha Dona Thareja sua molher, e neta del-Rei D. Sancho, com fundamento, e condição, que despois da morte del-Rei D. Affonso de Lião, porque não tinha filho barão legitimo, que os sucedesse, e herdasse, que os Reinos de Castella e de Lião ficassem juntamente ao dito Rei D. Anrique, e não veio a effeito, porque dahi a poucos dias estando El-Rei em Palença jogando, e havendo prazer com seus Fidalgos, um delles que se diz ser da linhajem de Mendoça, lançando alto um mançal tocou em um telhado, onde por desastre caio uma telha, que deu na cabeça del-Rei, qne a poucos dias logo faleceo, e a elle sobcedeo logo nos Reinos de Castella o Ifante D. Fernando seu sobrinho, filho do dito Rei D. Affonso de Lião.

Este Rei D. Fernando seu filho por não haver ahi outro legitimo sobcessor barão, sobcedeo tambem o

Reino de Lião, e nelle como atraz apontei os Reinos ambos de Castella, e de Lião, outra vez se tornaram a juntar no anno seguinte, que foi de Nosso Senhor Jesu Christo de mil e duzentos e trinta e dois annos, (1232) como nas Coronicas Despanha mais declaradamente se conteem, e a esta Rainha Dona Mofalda, El-Rei D. Sancho seu pai leixou em seu testamento para soportamento de sua vida, e estado, dez mil maravedis douro, e duzentos marcos de prata, e mais a Egreja de Bouças, e Moesteiro Darouca, da Ordem de S. Bernardo, que ella novamente fundou, e nelle acabou onesta e santamente sua vida, e ahi jás sepultada.

Da Ifante Dona Sancha, filha del-Rei D. Sancho

E assi houve mais El-Rei D. Sancho da Rainha Dona Doce sua molher, a Ifante Dona Sancha, que não cazou, e foi governadora do Moesteiro de Lorvão, e a esta leixou El-Rei seu padre a Villa Dalanquer por sua Cidade, e outros dez mil maravedis douro, e duzentos e cincoenta marcos de prata, e mais muita roupa de caza, e ricas joias de sua pessoa, e esta jás sepultada no Moesteiro de Santa Cruz de Coimbra, e fundou o Moesteiro de São Francisco Dalanquer da Observancia, ainda em vida de S. Francisco, e esta devação tomou quando os cinco Frades a vieram de caminho vizitar, e os vestio, e lhe fez esmola, como se ao diante dirá. (1)

---

(1) E' Santa, e della reza a Igreja, e faz a festa a 13 de março por Decreto do Papa Clemente XI.

Da Ifante Dona Branca, filha tambem del-Rei D. Sancho

E assi houve El-Rei, e a Rainha sua molher a Ifante Dona Branca, que foi Senhora de Guadalferrara em Castella, e mandou-se trazer, e enterrar em Santa Cruz de Coimbra, e a esta leixou tambem El-Rei seu pai outros dez mil maravedis douro, e duzentos marcos de prata.

Da Ifante Dona Biringela, filha Del Rei

Teve mais El-Rei D. Sancho da Rainha sua molher por derradeira filha, a Ifante Dona Biringela, que faleceo sem cazar, e foi criada pela Rainha Dona Thareja sua irmã em Lorvão, e a esta tambem El-Rei leixou em seu testamento outros dez mil maravedis douro, e duzentos marcos de prata, e ao tempo de seu falecimento se mandou enterrar em Santa Cruz de Coimbra onde seu pai jazia, os quaes filhos, e filhas legitimos o dito Rei D. Sancho houve da Rainha D. Doce sua molher, a qual faleceo na era de Nosso Senhor de mil cento e noventa e oito, (1198) e mandou se logo soterrar em Santa Cruz de Coimbra, onde despois foi sepultado El-Rei D. Sancho seu marido. E ao tempo em que a Rainha faleceo, El-Rei D. Sancho quando viuvou, era de idade de quarenta e quatro annos.

Dos filhos bastardos del-Rei D. Sancho

Depois do falecimento da Rainha Dona Doce, El-Rei tomou logo por manceba uma Dona Maria Ayres

de Fornelos, de que houve dous filhos, a saber Martim Sanches, e Dona Urraca Sanches, e este Martim Sanches, foi Adiantado del-Rei D. Affonso de Lião, seu Primo com irmão, e era bom Cavalleiro, e cazou com a Condessa Dona Olaya Pires, filha de D. Pedro Fernandes de Castro, o Castelão, de que já dice, e venceo tres vezes a gente de D. Affonso de Portugal seu irmão, em nome del-Rei D. Affonso de Lião, e teve quatro Condados, em que entrava o Condado Destramara em Galiza, e não teve filhos, e jás honradamente sepultado em Cofinos logar da Ordem de São Joham em Castella, em terra de Campos.

E despois desta primeira manceba, que El-Rei leixou, e houve por bem que cazasse com D. Gil Vaz de Souza, homem principal, tomou logo que teve até sua morte, outra segunda Dona Maria Paes Ribeira, a que deu Villa de Conde, e outras Cidades, e terras, se não cazasse, e a esta foi El-Rei muito afeiçoado, e della ouve estes filhos, e filhas a saber, Dona Thareja Sanches, que foi cazada com D. Affonso Telles o Velho, que povórou Alboquerque, os quaes ouveram filhos, a saber D. Joham Affonso Tello, e Martim Affonso Tello, e a esta Dona Thareja, El-Rei em seu Testamento leixou sete mil maravedis douro, e assi ouve della D. Gil Sanches, a que El-Rei leixou oito mil maravedis douro em seu testamento. E Dona Constança Sanches, a que El-Rei leixou sete mil maravedis, e sem cazar acabou o Moesteiro de S. Francisco de Coimbra, que em vida de S. Francisco se fundou, e jás em Santa Cruz, junto com El-Rei D. Sancho seu padre, e ouve della mais a D. Ruy Sanches, a que leixou outros oito mil maravedis, e este morreo em uma peleja na Cidade do Porto, que não devia de ser de Mouros, e jás soterrado no Moesteiro de Grijó. E esta Dona Maria Paes despois dalguns

dias do falecimento del-Rei, cazou com Joham Fernandes de Lima, que diceram o bom de Galiza, que foi muito honrado, e de grande caza, e delle tambem ouve filhos, e filhas, e uma sua neta que chamaram Dona Ignez Lourenço de Valadares, cazou com D. Martim Affonso, filho bastardo del-Rei D. Affonso o segundo de Portugal, que ouve de uma molher, que fora Moura, e estes ouveram um filho dito Martim Affonso Chichorro, que houve filho que chamaram Vasco Martins Chichorro, de que vem os Chichorros de Souza, de Portugal, que agora são.

A qual Dona Maria Paes, que se acertou ao tempo do falecimento del-Rei D. Sancho, indo de Coimbra com seu dó, e triste para sua terra, que era Villa de Conde, acompanhada de D. Martim Paes Ribeiro seu irmão, aconteceo que um Gomes Lourenço Viegas, neto de D. Egas Moniz, que era homem principal a salteou no caminho, e a levou por força ao Reino de Lião, e ferio mal a seu irmão, o qual se foi logo querelar a El-Rei D. Affonso, filho del Rei D. Sancho, que então começara de Reinar, que sobre esso escreveo logo a El-Rei de Lião, assi aspero, e com rezões de requerimentos de justiça, e emmenda como o cazo de tal força requeria, e porque Gomes Lourenço, por emprazamentos, e citações que sobre o cazo lhe foram logo feitas, e sobre entrega de Dona Maria Paes se vio mui apresado, induzido della, e aconselhado falsamente se vieram ambos a El-Rei D. Affonso de Portugal, que a esse tempo era em Castel Rodrigo de Riba de Coa, de que lhe fez dissimuladamente crer, que depois dasossegado, e satisfeito seu irmão Martim Paes, elle dito Gomes Lourenço averia perdão, e remedio, mas ella como se vio ante El-Rei logo assi se leixou cair em terra, e com vozes, e palavras de grande sentimento, e com muitas lagri-

mas lhe pedio justiça, e vingança de Gomes Lourenço, que era presente, pela força, e deshonra que lhe fizera, pelo qual El-Rei despois de a ouvir, e sem escuza confessar seu crime, o mandou logo matar, e despois desto porque ella era de boa linhagem, e ficara mui rica, cazou com o dito Joham Fernandes de Lima, como acima dice.

CAPITULO XVI

Das cousas, que a El-Rei D. Sancho em seu Reino socederam despois do apartamento da Rainha Dona Thareja sua filha até seu falecimento.

Do apartamento del-Rei D. Affonso de Lião, e da Rainha Dona Thareja sua molher até o falecimento deste Rei D. Sancho, se passaram doze annos, e as cousas que nestes Reinos, achei que fez, e que em seu Reino, e tempo se passaram, são as seguintes (brevemente) primeiramente no anno seguinte despois que os Monros destroiram os Castellos atraz apontados, El-Rei mandou reformar, e fortalezar o Castello de Palmela, e assi de novo o de Cezimbra, e alguns dez annos que apoz este logo se seguiram por desvairados curços dos Ceos, mais que por erros de cousas da terra, ouve em Espanha guerras, fomes, e cruas pestilencias nos homens, e grandes mortindades em toda calidade de alimarias, e em quanto duraram as tregoas que El-Rei D. Sancho poz com os Mouros, sempre pela maior parte do tempo teve guerra com El-Rei D. Affonso de Lião, a que tomou em Galiza a Cidade de Tuy, e as Villas de Sampaio, e de Lobeo, e Ponte Vedra, e outros Luga-

res que em sua vida teve, porque despois de sua morte, e em tempo doutros Reis seus sucessores por bem de paz e concordia, os ditos Lugares foram tornados ao Reino de Lião.

E na era de Nosso Senhor de mil e cento e noventa e nove annos (1199) antre a Sexta, e Noa do dia foi grande, e muito espantoso Cris do Sol, que por todos aquelles que escreviam as couzas maravilhosas de seus tempos, asás memorado, porque o Sol foi negro todo como pez, e o dia que era claro, se tornou mui escura noite, e nos Ceos sendo de dia pareceo a Lua, muitas Estrellas, por cujo nome, e espanto, e mortal temor, os homens, e molheres de todo o estado, e condição, crendo que o mundo se acabava, e vinha o dia do derradeiro juizo, temendo a morte, e por acabarem as vidas, em santos lugares leixavam as cazas, e fazendas, e desacordadas se acolhiam ás Egrejas, e Cazas piedosas, e despois que as trevas se começáram a derramar, e o Sol cobrando sua claridade, foi a Lua vista em desvairadas maneiras, como nunca fora vista, e viam estes sinaes serem tão fóra do regulado curso da natureza, como os que tiveram a Paixão de N. Senhor, e este dia deste Cris assi foi nomeado, e assi ficou lembrado nas memorias dos homens, especialmente de Portugal, que quando despois pessoas antigas se perguntavam por cousas de tempos passados, de que queriam saber a verdade, e as testemunhas para certidão de suas idades, e tempos referiam seus ditos, e mores lembranças a este dia que se tornára noite, e acha-se mais, que despois da era de N. Senhor de mil e duzentos e um annos (1201) por continuas chuvas, que em todos os mezes sobrevieram não se poderam fazer sementeiras, salvo em mui poucos lugares em que a semente se perdeo, de que se seguio outra tão grande fome, que segun-

do a estimação, que se fez se affirma, que a terceira parte da gente, que era viva morria, especialmente em Galiza, onde por este pestifero mal, ficaram ermos muitos Lugares, e de todo despovoados, e no anno seguinte se mostra, (1202) que El-Rei D. Sancho mandou de novo edeficar o Castello de Monte mór o novo, no Bispado de Evora, e neste anno até os dous seguintes se acha aver neste Reino no mar, e na terra grandes tormentas, e tempestades, de que receberam mortes, e muitos danos, e perdas geraes, assi nos homens, e molheres, como gados, e Navios, e mercadorias, e neste anno El-Rei D. Sancho povorou, e fez de novo o Castello de Pencilla, e no anno seguinte de mil duzentos e oito (1208) a vinte e cinco dias de Julho, se acha brevemente que o dito Rei com gente de guerra ordenada tomou aos Mouros por força o Castello Delvas, e esta foi a derradeira couza, que por serviço, e acrecentamento de sua honra, e bom nome fez contra os infieis no qual feito já com elle foi o Ifante D. Affonso seu filho erdeiro, que apoz elle Reinou.

CAPITULO XVII

Do falecimento del-Rei D. Sancho, e de seu Testamento, e de algumas cousas, e obras que fez.

No anno de N. Senhor Jesu Christo de mil duzentos e doze (1212) tendo já El-Rei D. Sancho cincoenta e oito annos de sua idade, e avendo vinte e sete que Reinava, fazendo primeiro seu solene testamento, e como Catholico, e mui virtuoso Rei, recebendo para bem de sua alma todolos Sacramentos ordenados pela Egreja, faleceo de sua vida corporal

na Cidade de Coimbra, onde no Moesteiro de Santa Crùz jás sepultado junto com El-Rei D. Affonso Anriques seu padre, onde jazia já sepultada a Rainha Dona Doce sua molher, como atraz já dice, e antes dous annos, que falecesse o dito Rei D. Sancho, fez seu solene testamento, que eu Coronista vi escrito em pergaminho, com palavras de Latim, e asselado sob seu selo de chumbo, e aprovado com juramentos, e menagens solenes por o Ifante D. Affonso seu filho primogenito, e socessor, e pelo Arcebispo de Braga, e pelo Prior de Santa Cruz, e pelo Abbade de Sam Tiço, e pelo Mestre do Templo de Salamão em Jerusalem, e pelo Prior do Esprital de S. Joham em Jerusalem neste Reino, e por D. Pedro Affonso, e por D. Garcia Mendes, e D. Martim Fernandes, e por D. Lourenço Soares, e D. Gomes Soares, que eram Senhores, e pessoas mais principaes do Reino, com os quàes fez seu testamento, todos em auto publico fizeram Juramento nas mãos do Arcebispo de Braga. e menagens nas proprias mãos del-Rei que sobpena de tredores, e aleivosos e excomungados, e malditos da maldição de Deos, todas as couzas de seu testamento comprissem, e fizessem inteiramente cumprir, o qual testamento foi feito na Cidade de Coimbra no mez de Outubro do anno de N. Senhor de mil duzentos e dez (1210) e da hi a dous annos faleceo El-Rei, como já dice.

E dos legados, e esmolas que no dito testamento leixou, e donde ordenou que a paga de tudo se fizesse, não me pareceo ser alheo da Estoria, assi para louvor deste glorioso Rei, como para bom exemplo dos outros, que esto virem, porei aqui uma sumaria, e verdadeira lembrança, que soia ser a do Tombo das Escrituras de seus Reinos, e assi em poder do Mestre da Freiria de Evora, que agora é de Aviz, e

no Castello de Tomar em poder do Mestre, e Freires do Templo, que agora é de Christus, e no Castello de Belver, que era do Prior do Esprital de Jerusalem, e assi em poder do Abbade de Alcobaça, e do Prior da Santa Cruz, e no Castello de Leiria leixava quinhentos e tres mil e tantos maravedis douro de sessenta, e mil e quatro centos marcos de prata, declarando a soma particular que em cada um destes lugares tinha.

E porque ao tempo de seu falecimento elle tinha quinze filhos, e filhas todos vivos, a saber, nove legitimos, e seis bastardos, como tenho acima declarado, a estes todos desta soma, álem doutros grandes legados de panos, e joias, e gados, e cavallos, leixou mais trezentos e cincoenta mil maravedis douro, em que leixou destes ao Ifante D. Affonso seu filho maior, que decrarou por erdeiro, e mais os outros filhos, e filhas, mil e cem marcos de prata a saber, a cada um dos filhos, e filhas legitimas dez mil maravedis, e a cada uma das femeas duzentos e cincoenta marcos de prata, e a cada um dos filhos barões bastardos sete mil, e mais certos marcos de prata, e dos cento e cincoenta e oito mil e tantos maravedis, que ficaram leixou quarenta mil a Alcobaça, a saber, dez mil para delles se fazer uma gafaria em Coimbra, dez para fazer um Moesteiro da Ordem de Cistel, e os cinco mil para a fabrica, e bemfeitorias de Alcobaça, e ao Moesteiro de Santa Cruz $\overline{\text{X}}$ [1] amaravedis, e mais a sua Capella, uma copa douro de que mandou que se fizesse uma Cruz, e um Calix, e mais cem marcos de prata, para frontaes dos Altares de S. Pedro, e

[1] O $\overline{\text{X}}$ com a plica por cima vale dez mil.

Santo Agostinho, e para redenção dos Cativos leixou quinze mil maravedis, e ao Templo Santo de Jerusalem $\overline{X}$ maravedis, e ao Esprital de Jerusalem outros dez mil maravedis, e para se fazer a ponte de Coimbra $\overline{X}$ maravedis, e ao Papa Innocencio III leixou cem marcos douro, a que pedio, como a Senhor de seu corpo, e da sua alma, que com sua santa authoridade, faça inteiramente comprir este seu testamento, e dos sessenta e oito mil maravedis tomou cinco mil para satisfação das couzas que se achassem, que elle com direito devia restituir, e os mais mandou estribuir por alguns Moesteiros principaes, e Egrejas do Reino por somas logo declaradas de mais, e menos, segundo a calidade das Egrejas, e na mercê, e beneficios, que fez ás Egrejas Cathedraes do Reino, entrou a Sé da Cidade de Tuy com mor soma que as outras, a que mandou dar tres mil maravedis, por ser a este tempo de Portugal, porque cada uma de todas as outras ouve sómente mil maravedis, sómente Braga e Evora, que ouveram dous mil, e a cada uma das Egrejas pequenas mandou dar dous maravedis, que se alguma sobejasse da soma, o que para estas despezas piedozas apartara, que o tornassem a dar, e repartir pelas Egrejas mais pobres.

CAPITULO XVIII

De alguns Lugares, que El-Rei D. Sancho novamente fundou, e fez, e a que deu foraes.

Deu á Ordem de Santiago em tempo de Sancho Fernandes, que era Mestre della, as Villas Dalcacere do Sal, e Palmela, e Almada, e Arruda, e povorou a Villa de Valhelhas, e lhe deu foral, e a deu á Ordem da Freiria Devora, que então era de Calatrava, e ora é Daviz, e deu á Ordem Daviz, sendo mestre della D. Gonçalo Viegas, filho de D. Egas Moniz, os Lugares Dalcanede, e Alpedriz, e Juromenha, e o Castello de Mafora, ennobreceo a Sé da Cidade de Vizeu, deu foral á Cidade, e ás Villas de Cea, e de Gouvea, e povorou Penamacor, e lhe deu foral, e assi á Villa, e Castello de Sortelha, e assi deu foral a Torres novas, que refez, ennobreceo despois da destroição que nella fizeram os Mouros, e deu a Cidade da Idanha primeiramente á Ordem do Templo, e assi deu foral a Bragança, e povorou, e fez de novo a Villa de Contraste, que agora é Valença do Minho, e povorou de fundamento Monte mór o novo, e lhe deu foral; e assi povorou Penela, e Figueiró, e deu foral a Cezimbra, e a Pinhel, e ennobreceo o Castello, e a Villa; e assi povorou Covilhã, e Folgosinho na Serra Destrella, e lhes deu foral, e assi á Cidade da Guarda, e a outros muitos Lugares de seu Reino, como Rei, em que avia esforço, e grandeza de animo para o defender, e acrescentar, e ennobrecer, nem lhe faleciam bondades, e justiça, e sã conciencia para em seu tempo ser bem governado, e regido como foi.

DEO GRATIAS

INDEX

DAS COUSAS NOTAVEIS

A

Abeamazim, e Albouzil, capitães Mouros, que governavam o exercito que sitiava Beja, são mortos por El-Rei D. Sancho I, pag. 38.

Abuaxam Almohadim Miramolim de Marrocos, é morto na batalha de Santarem, pag. 40.

Affonso (Principe D.), filho primogenito del-Rei D. Sancho I, quando naceo, pag. 81. Sendo Rei mandou matar a Gomes Lourenço Viegas, neto de Egas Moniz, por forçar a Dona Maria Paz Ribeira, que fora amiga del Rei D. Sancho I seu pai, pag. 100.

Affonso III (D.) de Portugal foi o primeiro que se intitulou Rei dos Algarves, e que acrecentou ao Escudo das Quinas a orla dos Castellos, pag. 30.

Affonso Nuno de Castella é vencido na batalha Delharcos, pag. 70. Vence aos Mouros na celebre vitorio das Navas de Tolosa, pag. 70.

Affonso Henriques (D.) onde, e quando morreo, e em que sepultura está enterrado, pag. 29. Quando se

intitulou Rei de Portugal, pag. 31 Recupera Santarem com seu filho D. Sancho I pag. 42.

Affonso Telles o Velho (D.) cazou com Tareja Sanches filha natural del-Rei D. Sancho I de que teve filhos, pag. 98.

Anrique (Infante D.) filho de D. Sancho I de Portugal, em que anno naceo, e onde está sepultado, pag. 85.

Anrique de Castella (El-Rei D.) é separado por ordem de Innocencio III da Rainha Dona Tareja sua mulher por serem parentes, pag. 91. Caza com Dona Sancha filha del-Rei D. Affonso de Lião, pag. 95. Morre infelizmente, ibi.

B

Beringela (Infante D.) filha de D. Sancho I de Portugal nunca cazou, e onde está enterrada, pag. 97.

Branca (Infanta D.) filha de D. Sancho I de Portugal, foi Senhora de Guadalferrara em Castella, e onde está sepultada, pag. 97.

C

Celestino III dissolveo o cazamento de D. Affonso de Castella com Dona Tareja, por serem parentes muito chegados, pag. 91.

Cezimbra o seu Castello foi novamente edificado por D. Sancho I pag. 100.

Chichorros donde procedem, pag. 99.

Constança Sanches (Dona) filha natural del-Rei D.

Sancho I de Portugal, viveo no Convento de S. Francisco de Alenquer, e onde está enterrada, pag. 98.

D

Doce (Rainha D.) mulher del-Rei D. Sancho I de Portugal, de quem foi filha pag. 32. Em que anno faleceo, pag. 97. Filhos que teve, pag. 82 a 97.

E

Eclypse foi espantozo o que sucedeo no anno de 1199 pag. 101.

Elvas o seu Castello quando foi conquistado aos Monros por D. Sancho I pag. 102.

F

Fernando (Infante D.) filho del-Rei D. Sancho I de Portugal, em que anno naceo, pag. 82. Cazou com a Condessa de Flandes, ibi. Foi prisioneiro em a batalha que teve com El-Rei de França, ibi.

Filhos. Os legitimos dos Reis tinham Dom e não os bastardos, pag. 32.

Fome. Foi espantosa a que se padeceo em Portugal, e Galiza, de que morreo a terceira parte da gente, pag. 102.

G

Gil Sanches filho natural de D. Sancho I de Portugal, quem foi sua mãe? pag. 98.

Gil Vaz de Souza (D.) cazou com Dona Maria Ayres de Fornellos, amiga que fôra del Rei D. Sancho I de Portugal, pag. 98.

Guarda. Deu foral a esta Cidade El-Rei D. Sancho I pag. 106.

Gudufre de Bulhão é eleito Rei de Jerusalem depois de ser conquistada, pag. 47.

Guilherme (D.) Diacono Cardeal do titulo de SantanGelo, Legado do Papa Celestino III veio a Portugal separar do matrimonio a El-Rei D. Affonso III de Castella, e a Rainha D. Tareja, por estarem, nullamente cazados, pag. 90.

Gomes Lourenço Viegas, neto de Egas Moniz força a Doua Maria Paes Ribeira, e por este crime é sentenciado á morte por El-Rei D. Affonso II de Portugal, pag. 100.

I

Jacobaboim Çafim Miramolim de Marrocos entra com um grande exercito em Portugal acompanhado dos Reis de Sevilha, e Cordova, pag. 77.

Idanha. Esta Cidade é dada por El-Rei D. Sancho I de Portugal á Ordem do Templo, pag. 106.

Jerusalem. Em que anno foi tomada por Saladino Soldão do Egypto, pag. 45. E' restaurada pelos Christãos, e que Capitães assistiram a esta conquista, pag. 46.

Innocencio III escreve a El-Rei D. Sancho I exhortando-o á Conquista da Terra Santa, pag. 51. Por sua ordem se dissolveo o matrimonio del-Rei D. Anrique de Castella, com a Rainha Dona Tareja por serem parentes muito chegados, pag. 91.

João Fernandes de Lima cazou com Maria Paes Ri-

beira, que fora amiga del-Rei D. Sancho I de quem teve filhos, pag. 98.

M

Manoel (El-Rei D.) mandou levantar uma sumptuosa sepultura a El-Rei D. Affonso Henriques, p. 29. Maravedis de ouro quanto era a sua valia, pag. 104.

Maria Ayres de Fornellos foi amiga del-Rei D. Sancho I. de quem teve Martim Sanches, e Dona Urraca Sanches, p. 97 Cazou por consentimento del-Rei D. Sancho I com D. Gil Vaz de Souza, pag. 98.

Maria Paes Ribeira (Dona) foi amiga del-Rei D. Sancho I e que filhos teve delle, p. 98. Depois da morte deste Principe cazou com João Fernandes de Lima, de quem teve filhos, p. 98. Antes de ser cazada com este fidalgo, foi forçada por Gomes Lourenço Viegas, ibi.

Martim Affonso Tello Sobrinho do Ifante D. Pedro, é morto em Marrocos pelos Mouros, p. 77. Martim Lopes Cavalleiro Portuguez vence a D. Pedro Fernandes de Castro, que entrou armado em Portugal, p. 71.

Martim Sanches filho natural del-Rei D. Sancho I foi adiantado del-Rei D. Affonso de Lião, e cazou com a Condessa D. Olaya Pires, filha de D. Pedro Fernandes de Castro o Castelão, pag.97. Onde está sepultado, pag. 98.

Mendo Souzão (D.) governou a gente de terra quando D. Sancho I conquistou Silves, p. 55 Quem era este fidalgo, e com quem cazou, 56.

Mofalda (Rainha Dona) filha del-Rei D. Sancho I de Portugal, foi cazada com El-Rei D. Anrique de Castella, pag. 91 Foi separada de seu marido por ordem do Papa Innocencio III por serem parentes, ibi.

Fundou o Mosteiro de Arouca da ordem de S. Bernardo, pag. 95.

Monte mór o novo. O seu Castello é edificado por **Sancho I** pag. 101

O

Olaya Pires filha de D. Pedro Fernandes de Castro o Castellão, cazou com Martim Sanches filho natural del-Rei D. Sancho I de Portugal, pag. 97.

Ordem de Aviz. Sendo seu Mestre D. Gonçalo Viegas, filho de D. Egas Moniz, lhe deu D. Sancho I de Portugal os Lugares de Alcanede, Alpedriz Jurumenha, e o Castello de Mafora, pag. 106.

Ordem de São Thiago. Sendo seu Mestre Sancho Fernandes, lhe deu El-Rei D. Sancho I de Portugal as Villas de Alcacere do Sal, Palmella, Almada e Arruda, p. 106.

P

Palmella o seu Castello é reedificado por D. Sancho I, pag. 100.

Pedro (Infante D.) filho de D. Sancho I de Portugal, em que dia, e anno naceo, pag. 83. cazou com a filha do Conde de Urgel, pag. 84. Conduzio os corpos dos Santos Martyres de Marrocos, pag. 84

Pedro Fernandes de Castro chamado o Castellão entra em Portugal, e é derrotado por Martim Lopes, pag. 71. Com quem foi cazado, pag. 71. E' morto pelos Mouros em Marrocos. pag. 77 Sua filha Olaya Pires cazou com Martim Sanches filho natural de D. Sancho I, pag. 97.

Penella. O seu Castello é edificado por D. Sancho I. pag. 102

Pero Paes (D.) Alferes mór, fica por Capitão do exercito de Andaluzia em quanto D. Sancho I vai descercar Beja, pag. 38. Quem era este fidalgo, e com quem eazou, ibi.

R

Ramilo (D.) irmão del-Rei D. Affonso de Castella, sendo Monge Bento sahio com dispensação a cazar com a irmã do Conde de Protes em França, pag. 81

Ruy Sanches (D) filho natural de D. Sancho I morreo em uma peleja na Cidade do Porto, e está enterrado em Grijó, pag. 98.

S

Sancha (Infanta Dona) filha del-Rei D. Sancho I de Portugal fundou o Convento de Alamquer da Ordem de S. Francisco, e hospedou os Martyres de Marrocos pag. 97.

Sancho I (El-Rei D.) de Portugal, em que dia, e anno naceo, pag, 30. Em que anno foi aclamado Rei ibi. Antes da morte de seu pai, cazou com Dona Doce filha de D. Reymão Conde de Barcelona, p. 32. Sendo de vinte e quatro annos alcançou a celebre victoria de Sevilha, p. 35. Cerca a Villa de Nebla em Andaluzia, e decerca a Beja, alcançando uma gloriosa vitoria dos Mouros, p. 38 Recupera Santarem socorrido de seu pai pag. 42. Determina conquistar a Terra Santa, e o não executa impedido de graves rezões, p. 52. Concorre com grandes donativos para a

guerra da Terra Santa, p. 53. Cerca Serpa, 54. Ajudado de uma Armada de Estrangeiros combate Silves, e depois de uma prolongada resistencia a conquista, p. 55 e seguintes. Filhos que teve da Rainha Dona Doce, p. 82 até 97. Filhos naturaes que teve, pag. 97. Reedificou o Castello dc Palmella, e fez de novo o de Cezimbra, p. 101. Tomou em Galiza a El-Rei D. Affonso de Lião a Cidade de Tuy, e as Villas de Sampaio, Lobeo, e Ponte Vedra, p. 101. Édificou o Castello de Monte mor o novo, e o de Penella, p. 101. Toma aos Mouros o Castello de Elvas. ibi. Onde e quando morreo. p. 102 Está sepultado em Coimbra com seu pai, e sua mulher, ibi. O seu Testamento porque pessoas foi assinado ibi. Em que dia foi feito ibi. Legados que deixou ibi, e p. 104. Dos Lugares que povoou e a que deo foraes, e privilegios, pag. 106.

Santarem é cercada pelos Mouros, e gloriosamente recuperada por Sancho I junto com seu pai D. Affonso Henriques, pag. 42.

Serpa é cercada por El-Rei D. Sancho I pag. 53.

Silves é tomada por El-Rei D. Sancho I ajudado de uma Armada Estrangeira, pag. 53. E' cercada por El-Rei de Sevilha, pag. 78.

T

Tareja (Rainha D.) filha de D. Sancho I. Foi cazada com El-Rei D. Affonso de Lião, p. 85. Dissolveo-se este matrimonio, e se relata o motivo da separação, p. 85. Calamidades que padeceo este Reino em quanto se não separaram estes Principes, pag. 85. Reformou o Mosteiro de Lorvão da Ordem de S. Bento p. 91. Nelle está sepultada, ibi.

Tareja Sanches (Dona) filha natural del-Rei D.

Sancho I cazou com D. Affonso Telles o Velho, pag. 98.

Torres Novas. Foi reedificada esta Villa, e ennobrecida por D. Saccho I p. 106. O seu Castello se entregou a El-Rei de Marrocos, p. 78.

Tuy é conquistada por El-Rei D. Sancho I de Portugal a D. Affonso de Lião, pag. 101.

U

Urbano II convocou os Principes Catholicos para restaurarem Jerusalem pag. 46.

Urraca (Infanta Dona) filha del-Rei D. Affonso Henriques, e mulher de D. Fernando de Lião onde está sepultada, pag. 81.

Urraca Sanches (D.) filha natural del-Rei D. Sancho I, quem foi sua mãi. pag. 97.

V

Valença do Minho, antigamente chamada Contraste foi edificada por El-Rei D. Sancho I pag. 106.

Valhelhas. Foi povoada esta Villa por D. Sancho I e a deu á Ordem da Freiria de Evora que então era de Calatrava, e agora de Aviz, pag. 106.

Vizeu. A sua Cathedral foi ennobrecida por El-Rei D. Sancho I pag. 106.

FINIS LAUS DEO

INDICE DOS CAPITULOS

I — Do tempo, e idade que El-Rei D. Sancho foi levantado, e obedecido por Rei, e assi de alguns geraes avisos para declaração, e milhor entendimento das cousas antigas de Portugal.. 28

II — De algumas cousas, e feitos notaveis, que El-Rei D. Sancho fez em sendo Ifante.... 34

III — Como estando o Ifante em cerco sobre a Villa de Nebla, que é em Andaluzia, os Mouros cercaram Beja, em Portugal, e a veio logo soccorrer, e da vitoria que delles ouve..... 37

IV — Como o Ifante D. Sancho foi em Santarem cercado de Miramolim de Marrocos, e como El-Rei D. Affonso seu Padre o soccorreo, e descercou, e mataram a Miramolim..... 40

V — Das cousas em que El-Rei D. Sancho nos primeiros annos logo entendeu de seu Reinado, e como neste tempo a Santa Cidade de Jerusalem foi dos infieis tomada, e do que El-

Rei sobre esto fez..... 45
VI — Como a segunda passagem que por soccorro da Çasã Santa se fez, e o que della succedeu..... 49
VII — Do que El-Rei D. Sancho fez depois da escuza dultra mar, e como foi cercar Serpa, e despois a cidade de Silves, que era de Mouros..... 53
VIII — De como a gente de Portugal, e a dos Estrangeiros chegaram a Silves, e lhe puzeram cerco, e deram o primeiro combate..... 56
IX — Como El-Rei D. Sancho chegou com sua gente por terra a Silves, e da outra sua que tambem foi por mar, e dos combates que logo se deram..... 58
X — De como foi combatida, e tomada a couraça da Cidade em que estava a mais segurança, e maior repairo dos Mouros 60
XI — Dos mais Combates, que succederam, e como os da Cidade por força se renderam a partido, e a cobraram..... 64
XII — De uma entrada que um D. Pedro Fernandes de Castro dito o Castellão, sendo lançado com os Mouros fez em Portugal, e de como foi preso, e os Mouros com que entrou desbaratados 70
XIII — Das causas, e imisades ante os de Castro, e de Lara, por cuja causa este D. Pedro Fernandes de Castro entrou em Portugal em tempo del-Rei D. Sancho, que era neto do Conde D. Anrique de Lara, filho de Dona Mofalda, molher del-Rei D. Affonso Anriques, sua filha 72
XIV — Como El-Rei Jacobaboym Çafim Miramolim de Marrocos com grande poder de